

**BERNARDINO MACHADO**

**MARIA**

**Reedição de  
Alexandra Sousa  
Maria Ferreira  
Lina Pires**

**Revisão de  
Telmo Fonte**

**Coordenação de Ângela Correia**

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

Lisboa

2015

2

# ÍNDICE

## **Nota editorial**

**Autor e obra**

**Descrição da fonte**

**Critérios de edição e normas de transcrição**

**Fontes de informação**

**Maria**

## **Nota editorial**

### **Autor e obra**

A presente edição foi elaborada a partir da edição publicada em 1921, pela tipografia Minerva, de Cruz, Sousa & Barbosa, Ld.<sup>a</sup>. Temos informação de ter sido edição única, apesar de não termos conhecimento do número de exemplares impressos.

O autor, Bernardino Machado, foi uma importante figura da política portuguesa, tendo sido eleito duas vezes para presidente da República Portuguesa, uma em 1915 e outra em 1925. Foi, portanto, o terceiro e o oitavo presidente de Portugal. Durante o seu percurso

político como presidente da República, foi forçado ao exílio por duas vezes: em 1917 e em 1926.

Foi durante o primeiro exílio que o autor escreveu esta obra, a qual é dedicada à filha Maria, falecida em 1918, em Hendaya, França, quando acompanhava o pai. Trata-se de uma obra peculiar, pois o caráter literário afasta-a das restantes obras publicadas pelo autor.

A importância de Bernardino Machado na história nacional e a singularidade de *Maria* na bibliografia do autor, bem como o facto de as obras do autor terem entrado em domínio público, precisamente em 2015, justificam a reedição de *Maria*.

## Descrição da fonte

Apenas encontramos dois exemplares deste livro na Biblioteca Nacional de Portugal, onde estão identificados pelas cotas L.37779 P. e L.89127 P.

O exemplar com a cota L.89127 P. não se encontra encadernado e o corte das folhas é irregular, não havendo diferença entre o papel usado na capa e o papel usado no miolo do livro. Exibe, na parte inferior da folha de rosto, um carimbo da Biblioteca Nacional, sob a informação que identifica a tipografia, o lugar e a data de publicação. No verso da folha de rosto, junto ao topo, foi usado um carimbo com a indicação “OFERTA 318781”. No canto superior esquerdo da mesma página, foi escrito a lápis o número da cota. No canto inferior esquerdo, encontra-se

também manuscrita a seguinte informação: “H545207”.

Na parte inferior da última página, número 105, encontra-se novamente o carimbo da Biblioteca Nacional.

O exemplar com a cota L.37779 P. foi encadernado posteriormente à publicação e o corte das folhas é regular, apesar de não serem todas exatamente do mesmo tamanho. O papel usado na capa deste exemplar é também igual ao papel do miolo. Na folha de guarda adicionada aquando da encadernação, foi manuscrito a lápis, no canto superior esquerdo, o número da cota, que foi também lançado na parte superior da própria capa. No canto superior esquerdo da capa, uma outra cota foi parcialmente riscada com quatro traços vermelhos, o que se repete na folha de rosto, que se segue. O número da cota volta a

encontrar-se escrito a lápis no canto superior esquerdo da primeira página, que funciona como cortina e onde foi impresso o nome da obra: Maria. No canto superior esquerdo do verso desta cortina, observa-se uma assinatura e uma numeração, provavelmente relacionadas com um antigo proprietário do livro. Na folha de rosto foram manuscritos o número da cota e a inicial “R.”, seguida do carimbo de um número (81409); indicação provável de outra antiga propriedade. No canto superior direito, encontram-se cortadas as letras de um carimbo (DEP.LE), que identificariam um depósito legal. Ao lado do título, foi usado o carimbo da Biblioteca Nacional, que se observa também no verso e na página 101.

Os exemplares têm 105 páginas, sem folha de guarda, tendo sido impressos em papel comum,

em tamanho aproximado do A5. Não apresentam marcas de manuseamento, estando em bom estado de conservação. Exibem, a meio da capa, um pequeno desenho e outro diferente a meio da folha de rosto. O texto não foi dividido por capítulos, havendo apenas uma irregular e frequente divisão obtida graças a uma linha de intervalo.

A obra de Bernardino Machado é precedida por um texto introdutório assinado pelo filho do autor, António Machado, sobretudo dedicado à invocação da memória da irmã.

### **Critérios de reedição e normas de transcrição**

A presente reedição foi preparada a partir do exemplar com a cota L.89127 P, digitalizado na Biblioteca Nacional de Portugal.

Mantivemos a ortografia; os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, dos títulos e da epígrafe, cuja assinatura foi mantida em versaletes. Foram igualmente mantidos todos os acentos; bem como o recurso ao itálico e as características gráficas dos títulos; o espaçamento entre alguns parágrafos, assim como a disposição gráfica e as informações da capa em papel. As notas de rodapé foram também mantidas.

Não se reproduziram as páginas em branco, nem a cortina inicial, nem a numeração das páginas, nem o espaçamento, que por vezes ocorre, entre os sinais de pontuação e a palavra anterior.

Efetuámos a atualização gráfica das aspas e dos acentos das vogais maiúsculas A e E (no livro-fonte representados por um apóstrofo), para além

de que uniformizámos o espaçamento entre as palavras.

## **Fontes de informação**

Museu Bernardino Machado - <http://www.bernardinomachado.org/> (consultas em 24 de fevereiro e 10 de abril de 2015)

Blogue Bernardino Machado - <http://manuel-bernardinomachado.blogspot.pt/2010/11/recordar-minha-tia-maria-francisca.html> (consultas em 7 de março e 13 de abril de 2015)

Museu da Presidência da República - [http://www.museu.presidencia.pt/presidentes\\_bio.php?id=23](http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_bio.php?id=23) (consulta em 17 de Maio de 2015)

BERNARDINO MACHADO

---

# MARIA

*FAMALICÃO: 1921*

*Tip. «Minerva», de Cruz, Sousa & Barbosa, L.<sup>da</sup>*

---

Escritório: Rua 31 de Janeiro, 165-1.º – PORTO

# MARIA

---

Tinha o vago esplendor das  
bíblicas figuras dos antigos  
missais...

G. CRÊSPO.

Não me sai um instante do pensamento a imagem querida de minha irmã Maria, morta inesperadamente em Hendaya.

Que tesouros de meiguice e carinho os da sua alma! Há figuras de tam radiante beleza moral, que a gente ajoelha em espírito à sua simples evocação. A Mariazinha perpassou na terra como uma bôa fada, espalhando bênçãos e espargindo pròdigamente, às mãos-cheias, as flores imarcessíveis da virtude e da bondade. Ninguém, por mais empedernida que tivesse a alma, se podia

furtar ao encanto da sua figura angelical. Alta e esguia como um lírio, só tinha no olhar amor e perdão.

Em nossa casa era proverbial a sua bondade desde pequenina. Agora mesmo, abro ao acaso as *Notas de um pai*, essa bíblia do coração, e leio: “A suavidade da Maria, que, ainda quando de manhã a acordo de sobressalto, abre logo, com o olhar, um sorriso...” E mais adiante: “Todos em minha casa podem dar testemunho dêsse irresistível poder espiritual da nossa angélica Maria...”

Percorrendo êsse livro, tam enternecidamente escrito, onde se celebram os ditos felizes, as audácias e até as travessuras dos outros irmãos, não se nos deparam senão referências comovidas à inalterável ternura e infinita bondade daquela alma.

O Avô materno, no justo desvanecimento do seu amor, dizia dela, embevecido: “Não há

homem que a mereça!” E era verdade: nem a terra, por certo, a merecia...

Estou a vê-la rodeada dos irmãozitos e sobrinhos pequenos, que lhe queriam como à luz do dia. A cada momento a procuravam até as irmãs crescidas, recorrendo sem descanso à sua inesgotável paciência de santa: esta, para ela lhe ageitar o chapéu ou o vestido, aquela, para que lhe compuzesse o penteado, o laço do cabelo – que sei eu! – e a tôdas a Maria atendia com o mesmo sorriso, a mesma graça alada. Dedicada até ao sacrifício, deixando de pensar em si para pensar constantemente nos outros, ninguém lhe ouviu nunca um queixume, surpreendeu jâmais um gesto de enfado.

Para as diabruras dos rapazes tinha apenas um olhar docemente repreensivo, e era sempre a primeira a acorrer, a enxugar-lhes o pranto e a interceder compassivamente por êles junto dos Pais ou dos irmãos mais vélhos, menos pacientes

e irritados. A sua imensa ternura trasbordava, abrangendo tudo e todos. Ela, que era a resignação em pessoa, não podia ver sofrer os outros: o seu grande coraçãosinho compartilhava de tôdas as dores, batia por tôdas as amarguras.

E a que duras e injustas provas teve de se sujeitar nos últimos tempos! Foi primeiro a escura ingravidão dos homens para com o seu adorado Papá, que ela, no seu amor, julgava por certo intangível; depois a separação, o exílio, com as saüdades da família e a nostalgia da pátria... Tudo se juntou para a ferir impiedosamente.

Cá lhe ficara a irmã, querida entre tôdas, a companheira inseparável das brincadeiras de criança, a amiga e confidente dos devaneios de adolescente, essa estremecida Joaquina, que era o seu enlêvo e os seus amores...

Que vai ser dos pobres Pais, de nós todos, agora, sem a graça do seu sorriso, o calor da sua afeição?

Na doçura da tarde em que escrevo, olho pela janela a paisagem, que ostenta lá fora a policromia das suas galas de outono. Tons de púrpura e ouro avultam na sinfonia das côres. Apenas se ouve o marulhar da água do rio nos açudes. E a minha mágoa é tamanha, tam grande o meu desgosto, que tudo se me afigura um escárnio à minha dôr, um insulto à minha saúde infinita...

E invejo aqueles a quem a reza conforta e a crença em Deus acalma, nesse mesmo Deus que me a acaba de roubar, tam inesperada e cruelmente, em plena floração de graça e de bondade.

Paredes-de-Coura, 25 de Outubro de 1918.

ANTÓNIO MACHADO.

# MARIA

---

N. 18.8.1889 – M. 12.10.1918

Os filhos mortos: A Dina, o Praxedes, a Teresinha, a Maria.

A Dina, que maravilha de graça com os seus cabelos anelados, os seus luminosos olhos, o seu porte tam esbelto! Gentil de espírito como de corpo, tinha uma meiguice e uma vivacidade adoráveis. Era o encanto geral de todos que a viam e ouviam. Por onde passássemos, mesmo no

---

Quási tôdas as notas fôram escritas logo depois do dia do funeral, em Hendaya.

estrangeiro, as senhoras beijavam-na e traziam-lhe prendas.

O Praxedes era o equilíbrio e a fôrça. Quando nasceu em Genebra, os próprios suíços gabavam a sua compleição perfeita. Raro chorava ou ria. Entristecia-se ou sorria, sòmente. A sua inalterável serenidade impressionava. Um dos médicos que lhe assistiram na doença que o levou, não pôde, ao ir para a conferência final, deixar de se voltar àinda para êle, mal contendo as lágrimas, e, surpreendido por mim, exclamava: “Nunca vi criança que me comovesse tanto!”

A Teresinha quási não foi dêste mundo. Doente do coração desde os seus primeiros dias, tinha vinte e um meses quando caíu de cama para não mais se levantar. E os seus olhos sonhadores fitavam a cada momento o teto em busca doutros anjos como ela, que, lá em cima, no céu, a consolassem da saúde dos irmãos.

A Maria...

As nossas avós, as nossas mães, minhas e de minha mulher, a tia Joaquina, a tia Chiquinha, a D. Maria, a Mimi, morta também tam moça, que galeria de virtudes da nossa família! A Maria refloriu-as tôdas.

Os seus ondulados cabelos castanho-escuros, quási negros como os seus doces olhos de longos cílios pensativos, envolviam num nimbo de leves reflexos auroriais as mimosas feições do seu rosto virginal. Alta, esbelta e gracil, mais do que branca, alvrescente, o seu corpo franzino de adolescente continha uma alma adulta de todos os fortes dons morais. A mãesinha!

Quando a branca Maria entrava de leve, sem quási tocar com os pés no chão, a sua fina figura

alada erguia-se diante de mim como uma visão de encanto, que se evolasse para o céu. E era, com os olhos embevecidos na doce luz de luar do seu rastro columbino que eu a via desaparecer.

A sua bondade insinuante não tinha nada de fraqueza. Havia mesmo, através da irradiação juvenil do seu amorável trato, um fundo de gravidade austera que se impunha, como alguma coisa de divino, de insensível às grosseiras sugestões do mal. A sua presença purificava os espíritos e as conversações. E era com íntima veneração que eu a beijava sempre.

Amamos geralmente mais por amor de nós do que dos outros. Amamos os outros sobretudo pelo que êles nos prestam ou deleitam. Amor puro o da que nos amava, não pelo seu bem, mas pelo bem

que nos queria. E nem mesmo o dela era outro senão sòmente o nosso.

Ninguém o sabia fazer melhor. Mas não descansava de o aprender, praticando incessantemente, como se estivesse a tôda a hora num laboratório de investigação original, da mais amarável química, em busca da nossa maior felicidade.

Maria possuía no mais alto grau o condão dos espíritos abnegadamente infatigáveis, para quem o tempo parece não ter os mesmos limites, porque lhes chega para tudo.

Quando me ponho agora a medir o que ela fazia, como se desvelava e dividia por todos, pasmo e estremeço – já tarde! – do prodigioso *tour de force* que executava, e tam naturalmente! sempre pronta ainda a prodigalizar os seus

serviços, como se pudesse multiplicar igualmente as suas próprias energias físicas. E sem nenhuma expressão de contrariedade, sem o mínimo gesto de enfado nunca.

Quantas gerações de trabalhadores, homens e mulheres, cada vez mais intensivos e disciplinados, não são precisas para preparar hereditariamente a tempera destes inquebrantáveis espíritos? Era como uma fina lâmina de aço puro a alma tam feminil e tam heróica da bôa Maria.

Habituarámo-nos tanto aos seus incessantes serviços, de que dispúnhamos à vontade, que perdíamos a noção do seu justo valor, como se nada lhe custassem e cada um dêles fôsse acessível a tôda a gente. Mas que número incalculável de dedicações se teria de reunir para alcançar o maravilhoso conjunto da sua acção! O

milagre é fazer assim tudo, sem custo, sem mostrar nem sentir cansaço, com a sublime distinção de quem totalmente se dá sem contar, prestando os melhores serviços como se os recebesse.

Não devíamos aceitar-lhe o sacrifício, sempre a repartir-se e a extenuar-se connosco? Mas se ela só assim estava contente e parecia que só assim podia viver! Não pensava nunca senão no bem que havia de espalhar em redor de si. Estas naturezas privilegiadas, que só para os outros vivem, encerram em si dons extraordinários que lhes multiplicam tam estòicamente as fôrças, que imaginamos que nunca lhes hão-de faltar. Mas, infelizmente, as leis da vida são irrefragáveis. E elas só não podem morrer na lembrança daqueles que tanto amaram.

O que ela não fazia! Tratava de todos nós, para que eu não me fatigasse tanto a trabalhar, a mãe descansasse nela, as irmãs tivessem todo o tempo para os seus estudos, e os pequenos andassem contentes e alegres.

E ela? era só assim que lhe não faltava nada, que tinha o que mais queria. Sagrado enlêvo!

Era a nossa providência. Minha mulher dizia-me: “A Maria é a minha conselheira.” Quando não podia ir com as filhas, ia ela. E foi a quem a Rita entregou, para se tratar no Gerez, a pequena Adelaide, que lhe queria tanto, que nem um momento livre lhe deixava, cheia de ciúme no seu afecto, enrolando-se-lhe à saia do vestido, quando ela ia para jogar o *croquet*.

As crianças, nos primeiros anos, passam por uma segunda gestação, que exige também os

maiores cuidados. Os sacrifícios maternos continuam. São ainda tam fraquinhas, que necessitam de todo o amparo e carinho. E, como não medem as suas tenras fôrças nascentes, desmandam-se, e não há trabalhos nem inquietações que não dêem.

Já crescidinhas, põem-se a andar, a andar, a correr, e depois não podem mais, e tem-se de voltar com elas ao colo todo o longo caminho, como sucedia à Maria com o pequeno Bento, que com o seu pêso a aumentar todos os dias, a forçou a um duro treino, por vezes extenuante.

Ninguém exercia mais amoravelmente e dedicadamente do que ela para com os irmãozitos e sobrinhos essa segunda maternidade. Ainda há pouco a Gigi lembrava: “A Maria era tam forte, talvez a mais forte de nós; mas, sobretudo a tratar do Bento, fatigou-se demais...”

Era a preceptora e mestra irrecusável dos irmãos, cujo ditamen austero tinha sempre por si, a consagrá-lo, a fôrça do seu belo e nobre exemplo. Com ela principiavam os seus estudos e nunca deixavam de consultá-la e de aproveitar com as suas lições. E fazia escola, porque as irmãs tôdas a tomavam emuladamente por modêlo.

Gostava muito de música, mas aprendia-a não tanto por amor da arte, como por amor dos irmãos, para entreter os pequenos, para acompanhar o canto da Gigi e o violino da Zira e para todos êles dançarem. A sua arte era mais transcendente.

Ela possuía tôda a memória do coração. Se alguém de nós quisesse certificar-se duma data de família, ia ter com ela. Era o calendário fiel de tôdas as nossas comemorações.

Vestal do nosso lar, ninguém como ela mantinha sempre aceso o seu fogo sagrado.

Atraía irresistivelmente. Quando me perguntavam por ela, era sempre com voz meiga: “A Maria!” “A Mariasinha?” Por amor dela um cortejo de bemquerenças nos envolvia em tôda a parte.

A nossa porta estava constantemente aberta para tôda a gente que precisasse de nós. Mas quem ia primeiro, infatigavelmente, afavelmente, com infinita paciência, recebê-la e ouvi-la, era, d’ordinário, a Maria. E nunca deixava de interceder por todos solícitamente. Assim eu tivesse podido sempre satisfazer o seu coração! Mas era tam difícil, muitas vezes, comunicar aos outros a sua piedade...

Na Cruzada das Mulheres Portuguesas, ao lado de minha mulher, presidente eleita, que a iniciára e que se lhe devotava com a fortaleza serêna da sua grande alma, apoio seguro da minha em tantos rudes transes, formavam as nossas filhas, representando em tôda a sua austera singeleza a cordialidade militante da família. As duas, Maria e Joaquina, tiveram mesmo nela, também por eleição, postos dirigentes.

Abençoado exército feminino de madrinhas da guerra, anjos da guarda dos desolados lares dos nossos bravos combatentes, ternas mensageiras da pátria que lhes levaram até aos mais longínquos campos de batalha, com o alívio das suas saúdosas inquietações, o confôrto revigorante das nossas melhores esperanças! Nas suas cerradas fileiras, o batalhão juvenil das minhas filhas pulsava aguerridamente, como um só coração, pelo forte e bom coração da Maria.

Refúgio seguro das nossas atribuições, quem, contemplando-a, não acreditaria nos bens dêste mundo?

Ao pé dela, embalava-me a mesma aveludada emoção com que, em criança, eu pendia religiosamente a cabeça sôbre os joelhos de minha mãe. Não havia ninguém melhor!

Ser o pai de Maria, que orgulho e que glória! Uma família que chega a possuir na sua linhagem uma perfeição como ela, atinge o mais alto grau de refinamento moral e é um penhor seguro da elevação e ascendente soberano do bom génio da pátria.

O prazer que eu tinha em lhe fazer a vontade! E como ela também se sentia feliz! Mas quem lha

não fazia sempre, se o que ela mais queria era constantemente a felicidade dos outros? “Papá! a Gigi precisa disto” – prevenia-me ela, sem a irmã o perceber.

Maria sabia sempre o bastante para me entender e ajudar, nunca para se me opôr, nem quando me advertia. Para ela eu tinha sempre razão, e apenas me podia suceder, por ter muito em que pensar, que me não ocorresse logo alguma coisa, que ela se apressava a recordar-me, com tam delicada sugestão, que mais parecia depois que era, por mim próprio, que eu reconsiderava. E, reconsiderava irresistivelmente, sem ter nunca nada que contestar às suas rectas observações.

Ela indicava-me onde eu tinha tudo, e tudo que eu precisasse, me ia buscar e trazer de pronto, tirando-me do embaraço de o encontrar por mim.

Assim punha ordem e sossego no meu trabalho, fazendo-me viver mais.

Uma frase minha, mesmo truncada, que eu a incumbisse de me lembrar, tinha para ela sempre um alto sentido, porque era minha, e fixava-a logo bem para me repetir textualmente, não viesse a perder-se, fosse o que fosse, do meu pensamento. Mas não! o seu coração entendia-me e adivinhava-me em tudo.

A Maria era para todos nós uma mãezinha. A Gigi, essa, era bem uma irmã mais nova, que discute vivamente conosco tudo, letras, feminismos, política, guerra, usando largamente da crítica. Maria ouvia-me e suavizava-me. Com ela ao pé, eu não podia indignar-me demais, levantar muito a voz, irritar-me. Embora em tôdas as minhas reivindicações contasse inteiramente

com o seu fervoroso voto, receava ferir, melindrar a sua delicadeza. E, quando lhe falava dela mesma, do que ela me dizia e do que fazia, da sua perene lide e bondosa intercessão por todos, o meu menor reparo transformava-se logo, ao olhar para ela, para o seu rosto santo, na mais rendida adoração.

Se, por acaso, eu tinha alguma vez para ela qualquer palavra menos satisfeita, entristecia, cerrando levemente os lábios, donde nunca saía a mínima queixa. E era o bastante para o meu pronto arrependimento.

Quem poderia ser duro com ela? Não havia sobreexcitação que a doçura do seu brando olhar não acalmasse de pronto.

Ninguém tomava mais extremadamente o meu partido do que Maria, sofrendo até vir a morrer por mim. Mas a sua santidade pairava suavemente acima de tôdas as contendadas, e a sua voz celestial infundia um bálsamo misericordioso sôbre as nossas mais pungentes feridas.

Maria, o símbolo sagrado da bondade, do perdão. Adivinhava-se que, mesmo aos inimigos do pai perdoaria, quando êles deixassem de o fazer sofrer.

E tamanho é o amor das nossas filhas por nós, que vence o pêso de todos os ódios com que tentam esmagar-nos o coração. Chegamos a não os sentir.

Eu, que tinha tudo para fazer o bem da minha família, que lhe quis dar? O bem dos outros. E há

o direito de exigir tanto dela? Não é o sacrifício dos nossos filhos? Não! É o dever da comunhão do lar. Não havia que explicá-lo à Maria, que o cumpria sempre espontaneamente, com todo o seu generoso coração e com tôda a sua ardente solidariedade comigo. A suprema aspiração da sua vida foi mesmo diminuir-me o sacrifício com o seu.

Eu devia abraçá-la, beijá-la, pô-la no meu colo todos os dias. Quantas vezes o fiz? E era a bem-aventurança dela e a minha que eu fazia. Como andamos alheados do supremo bem que temos connosco!

Uma filha, quando é como a Maria, precisa de atenções, de desvelos, como uma flor rara de pureza e candura que nenhuma intempérie deve

sequer tocar. E estamos muito longe de as tratar com todo esse esmêro!

Habituímo-nos tanto a que elas cuidem de nós, que não cuidamos bastante delas. Tornámo-nos, sem ser por mal, sem querer, seus tiranos.

Maria repetia, na intimidade: “Não caso, porque quero ajudar a mamã.” E quem de nós poderia dispensá-la? Como passaremos agora sem ela?

Ela seria, quando eu morresse, a companheira inseparável da mãe, aquela que, ao seu lado, falaria sempre de mim. E que amaviosas palavras não lhe inspiraria a sua terna saúde! De tudo quanto de bom havia dentro dela, infinitamente bôa, entrançaria a todo instante uma coroa dos mais belos amores-perfeitos do seu coração para

depôr sôbre a minha memória. E viver assim na sua alma, que paraíso!

Quando se chega a constituir um modêlo de virtude, como a Maria, devia ter-se conquistado indisputavelmente o direito sagrado de viver. Mas que! Não há só as arremetidas atrozês dos déspotas, que despedaçam as vidas mais preciosas e arruinam e aniquilam os monumentos mais nobres da civilização. Êsse despotismo ferino não é mesmo senão o desenvolvimento e remate tenebroso das irrupções violentas da natureza, que, na sua arrebatada cegueira, não distingue e não poupa nada nem ninguém, antes dir-se-ia por vezes comprazer-se em agredir, prostrar e destruir os sêres de eleição, aqueles que mais e melhor prenunciam a vitória definitiva do espírito, do amor e da razão sôbre o escachoamento revôlto das brutalidades exterminadoras.

As crianças esboçam um tipo humano superior, que o adulto geralmente não atinge. Mas quando, como Maria, chega a realizá-lo, essa cristalização sublime não é ainda para um mundo tam confrangido das mais ásperas convulsões...

A verdadeira família não se segrega da sociedade. Vibra unisonamente com ela. Por isso, os agravos dos adversários atingem-nos mesmo nos nossos lares. Fazer sofrer as nossas filhas! Que lutas! Não há causa que o desculpe. Qual o homem público, se é pai, que o não sinta?

Para o exílio. Ocultou-se a hora e o local da partida do combóio que devia levar-me de Lisboa. À minha saída de Belém, a multidão, que se aglomerara de repente, descobre-se. Vamos, por Ajuda, serra de Monsanto, estrada de Bemfica, ter

a um apeadeiro alpendrado do caminho de ferro. Quantas vezes entrei por aquele lado na cidade, à volta da propaganda republicana!

As poucas pessoas que ali se encontram, cumprimentam, tendo no rosto uma expressão de surpresa e de dôr. O maquinista do combóio, Manuel Domingos Vigário, recusa-se firmemente a conduzir-me para o exílio.

Em tôdas as estações, desde a Azambuja até à fronteira espanhola, a gente, que surge, aproxima-se da carruagem-salão e sobe mesmo aos estribos para nos ver de perto e apertar-me a mão. Mas há ordem de a afastar. Por tôda a parte, uma profunda angústia, como se estivesse sob a impressão dum sinistro, impossível de conjurar de pronto. No Entroncamento há irritação, raiva e lágrimas nos olhos. Em Abrantes, sente-se o desespero, e uma bondosa mulher envia um beijo às minhas filhas.

Em Ponte de Sôr levantam-me vivas e exclamam-se: Até breve!

Chegámos a Marvão: os dez cadetes da Escola de Guerra que me escoltavam, apeiam-se, e, em fila, apresentam-me armas. A mocidade! Que tristeza! Mas não se descreia nunca dela.

Estávamos a 15 de Dezembro, aniversário de minha mulher. Por isso Maria observou, pensando certamente na República e em mim: “Não pode ser uma data fúnebre, Papá. *Ça porte bonheur.*”

Entramos em Espanha. É noite e gela. O português, José Vitorino, encarregado do material, que acompanhava a nossa carruagem, veio trazer-nos cobertores, e só de manhã o soubemos, ficando sem nenhum para si. Não se deitou.

Admirável povo! Quem não se sacrificará por êle? Cubram-no também para sempre as bênçãos agradecidas da nossa morta.

Não é só a elasticidade sofredora da nossa alma, fortalecida pela experiência da dôr, que nos defende dos grandes abalos morais. Há também para êles uma *preguiça nervosa*, que não no-los deixa sentir logo de golpe. E, em Madrid, todos conspiravam para nos amortecer o tremendo choque da nossa desgraça. Foi um certâmen de atenções, obséquios e finezas. Eu contava lá alguns dos meus melhores amigos, entre êles a preclara educadora, nossa patrícia, talento e coração diamantinos, D. Alice Pestana; e as minhas filhas encontraram-se logo no meio d'irmãs. Sempre depois Maria se correspondeu intimamente com elas. E a doirada lembrança dessas horas suavizadoras vinha descerrar-nos a caligem dos longos dias tenebrosos d'amargura que se seguiram, já descarnada de todo, até ao

coração, à nossa angustia. Quando tornaríamos a ver-nos?

Um dia, que no hotel foi preciso, por causa do frio, ajustar melhor os caixilhos das vidraças numa janela dos nossos aposentos, veio o carpinteiro fazer o concêrto. Acabado o seu trabalho, parou diante da minha carteira, dizendo-me sensibilizadamente: “Pedi na oficina que me mandassem para êste serviço. Desejava conhecê-lo.” E, num tom amargo de mal contida indignação, exclamou: “Então o senhor fez-lhes a República e êles expulsam-no!” Ah! não sou um vencido. Justiça, bondade humana, quem te negará? As minhas filhas, que entravam nesse momento, apertaram-lhe comigo a mão. No dia seguinte fui deixar-lhe um cartão de visita. E êle àinda me procurou para me referir que o pai, que estava em casa, descera apressadamente as

escadas, na esperança de me encontrar, porque desejava também conhecer-me. Mortos queridos! Giner, Morote, Salmeron, Azcarate, Labra, San Martin, Simarro, Costa... Êles e os seus insignes camaradas da campanha da “Institución libre de enseñanza”, alma criadora da Espanha nova, fizeram-me esta sementeira de afectos.

Foi com muita pena que todos nós deixámos a Espanha.

No *wagon-lit*, ao estreitarem ao seio as suas cativantes amigas, as minhas filhas já não anhelavam só voltar para Portugal, mas voltar por Madrid.

Em Paris, decorridos apenas àinda tam poucos dias de exílio, a Maria e Gigi pesavam menos. E a Maria, que era de si tam franzina! Entravam com elas já as saüdades.

Percorríamos a pé os extensos Campos Elísios.

A heroïcidade dos parisienses divisava-se em tudo, até nos entrelaçamentos, arabescos e rendas de fitas de papel com que, artistas sempre, adornavam as vidraças de suas casas, preservando-as assim das abruptas vibrações. E, contudo, que frémito de dôr trespassava também as suas almas! Que era feito da cidade da beleza e da luz? Museus e teatros cerrados. Sacos de areia, revestindo monumentos e estátuas. Antes do pôr do sol, todos os prédios, de alto a baixo, fechados. E, em escurecendo, as próprias lâmpadas dos candieiros públicos veladas por vidros azuis. A guerra! Movimentos incessantes de tropas e canhões, de camiões d'abastecimentos, d'ambulâncias da Cruz Vermelha. Soldados, oficiais e enfermeiras, por tôda a parte. Estrangeiros, os militares aliados. Mas, no meio

dêste tôrvo cenário bélico, ternura humana! lá estavam, como nos tempos de paz, risonhamente, mesmo com os seus formidáveis engenhos e apetrechos de guerra – metralhadoras, tanks, submarinos, aviões – as lojas de brinquedos de crianças. Escuso de dizer que a vontade das minhas filhas era comprar todos para os levar de presente à pequenada dos sobrinhos. Lembranças da guerra? Eles não precisavam que lha recordassem, coitados! Sem elas, sem a Maria. Lembranças de Paris.

A desgraça tem, por vezes, compensações inapreciáveis. À noite, no hotel Majestic, faziamos sempre companhia, com sua esposa, João Chagas, em tôda a elegância moral da sua brilhante personalidade, fiel à grandeza do seu belo passado, sacrificando-se, como sempre, altivamente ao seu ideal. Fechados naquele

pequeno salão, quási sem comunicação com ninguém, o pensamento fixo na República, ali revíamos e prevíamos tudo, concluindo invariavelmente pela vitória, como uma certeza mais que lógica, orgânica, inerente ao nosso sentimento íntimo, ao nosso próprio sêr. É assim a fé. E a presença da adorável senhora e das minhas filhas, escutando-nos com tam religiosa devoção cívica, sagrava o nosso culto.

Meses seguidos em Paris, as minhas filhas, como eu não ia, não fôram a divertimentos. Apenas um dia a um concêrto musical, muito instadas por uma amabilíssima parisiense; e mais duas vezes, uma, logo à chegada, a um teatro para verem um quadro cinemático em que eu aparecia em grupo com o meu filho Bernardino, sinaleiro na Flandres, sob a legenda – “A França é a pátria dos que fôram arrancados à sua” –, e outra, com o

prezado patrício, Júlio de Sequeira, às oficinas de Mr. Gaumont, que me convidara para *posar* no seu animatógrafo falante, e foi mesmo a Maria quem, nesta sessão, me ajudou a graduar e acertar o tom de voz, que, por sinal, reproduzida depois, me surpreendeu, como se não fôsse a minha.

Atravessaram lá aquela quadra de incessante alvorôço, em que, ao som estridente de alarme da sereia anunciando o bombardeamento dos aviões alemães, era forçoso saltar da cama e correr ao subsolo, onde não faltavam caras aterradas. Algumas noites, duas e três vezes. O fragor dos desabamentos chegava até nós. Depois, de dia, o troar do canhão monstro. E ainda, uma manhã, quando acabávamos de almoçar, veio de chofre sacudir violentamente o edifício e o solo da cidade, despedaçando os vidros das janelas e portas, como se fôsse um terremoto, a tremenda

explosão das fábricas de material de guerra. Deu-se até a coincidência de termos à nossa mesa o cavaleiro Mr. Chatain, que eu não vira desde o lance da erupção dezembrista, em que êle – um dos raros que ousaram ir a Belém exprimir-me a fidelidade dos seus sentimentos pessoais – a meu pedido, conduziu no seu automóvel ao cais de embarque Norton de Matos. Que série de secussões nervosas!

Mas até por isso mais se nos entalharam no âmago do coração as horas de intimidade que passámos com alguns dos melhores espíritos da França.

Não houve primores de simpatia de que a mim e às minhas filhas lá nos não cercassem, desde Mr. e M.<sup>me</sup> Poincaré, que foram para connosco da suprema bizzarria com que já me tinham distinguido em Outubro de 1917. No almôço com

que nos honraram no Eliseu, encontrámo-nos também com Mrs. Adolphe Carnot, Edmond Perrier e François Buisson, Mr. e M.<sup>me</sup> Stanislas Meunier, todos das minhas antigas relações, e Mr. e M.<sup>me</sup> Boutroux, Mr. Lucien Poincaré e Mr. e M.<sup>me</sup> Olivier Sainsère. Figuras de nobre relêvo, que, com as do grande Presidente e de sua espôsa, companheira inseparável dos fastos da sua magistratura patriótica, jâmais se obliteram da nossa memória, nem da nossa alma o orgulho de haver tratado com elas.

Ainda, no meu regresso para Portugal, M.<sup>me</sup> Poincaré me repetia melancòlicamente algumas das palavras de emocionante abnegação filial que ouvira à Maria na última visita que ela lhe fez.

Atraía-nos imenso o salão da família Stanislas Meunier, ao qual presidia, com tôda a louçania do seu resplendente talento, a espôsa do notável

sábio, tendo a seu lado a doce vèlhinha nonagenária, sua estremecida mãe, bordando ainda deliciosamente a branco, e sua filha, enfermeira militar praticante, duma linha sentimental tam fina, modesta e bôa como outra Maria.

A seu convite, visitámos êsse heráldico solar da sciência, o Museu d’História Natural, onde, quando andei estudando as reformas do ensino da terceira República, conheci professores eminentes. Aí puderam as minhas filhas, com o seu gôsto pelas sciências naturais, observar pela primeira vez na secção de paleontologia, entre outras raridades, curiosos pedaços da pele e da carne dum gigânteo elefante primitivo, o *mammuth*, sepultado nos gêlos da Sibéria. E, no Jardim das Plantas, interessaram-se muito pelo drama d’amor humano que M.<sup>elle</sup> Meunier lhes contou, duma médica que, para descobrir o

contraveneno da mordedura das serpentes, lidava com elas, expondo-se corajosamente. Fômos, por fim, tomar chá ao gabinete de trabalho, onde, em 1870, o génio criador de Mr. Stanislas Meunier alargou os domínios científicos da França nas mesmas horas aflitivas em que o inimigo talava e diminuía o seu território.

A ciência não tem pátria, diz-se. Sim! ela transpõe as fronteiras. Mas cobre de lauréis imarcessíveis o solo natal onde viceja. E tôda ela, mesmo a dos nossos maiores inimigos, que intentem fazer dela armas de guerra, converge ascensionalmente para a sua augusta encarnação, o progresso moral, e portanto para a irresistível defesa da causa da justiça, que é também a do direito dos povos. Irmana as nações, não as suprime. Estávamos diante dum sábio, que, — proclamando a unidade mineral do universo, — tinha, sem dúvida, pelo seu tributo para se

implantar a doutrina da confraternização na consciência moderna, trabalhado para a justa *révanche* da sua pátria, para a aliança das nossas democracias, para a paz. E a autoridade do seu saber ungia-nos de esperanças.

Uma das visitas que mais apreciávamos, era a do emérito redactor do *Temps* e director do *Brésil*, Mr. Louis Guillaîne, cultor esmerado da nossa língua, escrevendo-a e falando-a até, sempre ao corrente dos acontecimentos portuguezes, e julgando dêles com tam entranhável afeição à nossa República, que, ouvindo-o, parecia-nos que todos os altos corações estavam connosco. Por isso, quando êle, dispondo um pouco mais do seu tam absorvido tempo, almoçava connosco, as minhas filhas, para festejar a sua presença, enchiam o nosso centro de mesa com as belas rosas vermelhas da França, de brilhante folhagem

verde, representando garridamente as côres da nossa bandeira.

Adoeci. O dr. Júlio Lopes, nosso excelente médico, excelente até porque só um republicano como êle saberia então tratar-me, aconselhou-me, por mim e por minhas filhas, o clima do meio-dia da França. Escolhi Hendaya, na fronteira, ponto de passagem para os nossos compatriótas, onde, para mais, tínhamos um pedaço de Portugal no Hospital militar, graças à prestantíssima solicitude de Mr. Martinet, o benemérito organizador da sociedade dos melhoramentos daquela formosa praia, que nos oferecera generosamente para êsse fim o magnífico edifício do Casino, por ocasião da minha visita às frentes da grande batalha. Êle mesmo nos foi buscar ao hotel no seu automóvel. Era muito cedo, mas já fizemos o longo caminho até a estação do

Caminho de ferro de Orléans sob a detonação trovejante dos tiros cronometricamente repetidos pela matinal Berta.

O que não impediu de ir dizer-nos adeus M.<sup>me</sup> Rose Méryss, a ardente enfermeira voluntária, que punha em obras de caridosa assistência o mesmo sentimentalismo poético dos seus delicados versos, repartindo connosco a dedicação acrisolada que, no Rio de Janeiro, onde nos conhecemos, votava à nossa sempre saúdosa prima Bernardina Azeredo.

Como os combóios andavam abarrotados de tropas, uma onda de gente se precipitou para tomar lugar primeiro, enchendo-se até os corredores das carruagens. Felizmente aquele desvelado amigo tudo dispuzera de véspera, e as companhias de Orléans e de Bordeus destinavam-nos um compartimento reservado.

Mas o serviço militar das linhas retardou-nos, e, em Bordeus, surge-nos açodadamente o chefe da estação, pedindo-nos desculpa da contrariedade: precisávamos de mudar imediatamente de combóio, porque o nosso, que tanto se atrasara, ficava, e estava a partir o que nos devia levar a Hendaya. Corremos, debaixo de chuva, levando-me as minhas filhas quási suspenso dos seus braços por aquele labirinto da *gare*. E mal tivemos já tempo de entrar para a nova carruagem, para onde o carregador arremessava as nossas malas. Fazia frio e não havia aquecimento. Olhei com dó para as pobres meninas. Que baldões!

Um oficial superior francês, que ia no mesmo compartimento, porque não fôra possível continuarmos sós num, como que adivinhando o meu estado d'alma, travou conversa connosco e falou de Portugal com tanto conhecimento e

tamanha admiração que nem as horas sentimos passar. Saüdámo-lo efusivamente, à sua despedida em Bayona. E, quando em Hendaya, sentados ao lume acolhedor, vi as minhas filhas tam prazenteiras, como se nada tivessem sofrido na viagem, logo eu também comecei a achar-me melhor.

Efectivamente, dentro de poucos dias, restabeleci-me. Instalado já no Eskualduna, que hospitaleiramente Mr. Martinet mandara abrir de pronto para nos aposentar, saía a espairecer com as minhas filhas pelas arcadas, ao abrigo da ventania marítima, visitando as lojas de objetos d'arte regional, onde, meses antes, no regresso dos *fronts*, ao parar ali, nesse extremo da terra da França, eu lhes comprara os seus colares de pedras dos Pireneus. E ouvia-lhes, às meigas feiticeiras, que nenhum daqueles era tam bonito.

De manhã, descíamos à praia, onde bandos de crianças, cheios de ardor patriótico, construíam trincheiras irresistíveis contra os inimigos, arvorando sôbre elas as bandeiras aliadas. Lá víamos a nossa. Não nos faltavam mesmo mãozinhas portuguesas que a implantassem. E habitualmente dávamos, à tarde, uma volta pela povoação, comprazendo-nos na estética da paisagem e da arquitectura basca. Chegados ao hotel, íamos logo para o terraço da nossa sala para assistir ao espectáculo soberbo do pôr do sol sôbre o mar. Anoitecia, e era preciso cerrar a tôda a pressa as portadas das janelas para que de algum navio alemão não se pudesse enxergar luz em terra. E reuníamos-nos então com os nossos companheiros de exílio, trocando tristezas por esperanças, não duvidando nunca nenhum de nós do nosso povo, mas cada dia mais oprimidos, mais

deprimidos pelo cansaço de nada podermos fazer por êle. E quanto eu invejava as minhas filhas, que infatigavelmente se ocupavam de mim, crentes de que, mesmo longe da pátria, eu colaboraria em espírito com os que, a tanto custo, lidavam pelo seu resgate!

As crianças rodeavam-nas, como um còro de querubins, espargindo-lhes as flores aljofradas dos seus risos e ditos alegres. Era delicioso o grupo infantil português. O atlético pequerrucho Silva Rebelo, com as irmãzinhas mais vélhas radiantes da graça excelsa da mãe! E os finos nervos dos 4 anos da Maria Lúcia (Pulido Valente), scentelha viva, crepitante, da privilegiada espiritualidade dos pais! Mal chegou, fez logo tanta sociedade com a pequenada francesa, que, apesar do precioso peculiozinho que trouxera das suas lições em Portugal, teve

uma vibração de enleio, que comunicou à Maria: “Perdi o meu francês, hei-de dizê-lo ao avô. Mas que quer? Todos os dias veem ter comigo dois, quatro, mais um. Se não vem um, vem outro. Se não vem outro, vem um. Já tenho tantos nomes na cabeça! Não posso mais!” Dúvida injusta. Não tardou que os papagueasse ainda mais vivamente que os próprios francesinhos seus comparsas.

O nosso passeio predilecto era à colina próxima, onde, por baixo dum pinhal cheio de avencas e miosótis, uma pôça de água junto às carvalheiras nos lembrava tanto o nosso Minho. De caminho, parávamos a ver a irradiação da superfície do rio, as pobres mulheres na apanha dos troços de lenha sôbre as praias, as aldeias próximas, a pastorinha das vacas, as curvas sombreadas das azinhagas, a faina dos campos.

Maria e Gigi colhiam flores silvestres na mata. E, saltando depois um portelo, sentávamo-nos em frente à estrada da vila, mergulhados no quadro interior das nossas cogitações.

O que custa o exílio! Maria e Gigi olhavam para o mar, e, lembrando-se do nosso, de Cascais, da Figueira da Foz, de Azurara, de Moledo, fechavam a janela.

Raladas de saüdades, a Maria dizia para levantar o espírito da Gigi: “Vamos ficar umas neurasténicas!”

Pude compartilhar o exílio com João Chagas em Paris e com Afonso Costa em Hendaya. Alexandre Braga, o extremoso amigo, anunciava-me de Espanha a sua vinda próxima. Correspondia-me para Londres com Norton de Matos. Achava-me em constantes relações com

Leote do Rêgo. Ainda tive alguns dias assiduamente comigo Melo Barreto. Visitavam-me freqüentemente oficiais do C.E.P. Muitos correligionários, em viagem, me procuraram. Não estava isolado. E quanto fiquei devendo a êsses saüdosos companheiros dos bons e dos maus dias! Mas o que ia por Portugal! Afonso Costa, sem perder nunca a fisionomia valorosa, acentuada nos mais admiráveis triunfos, concentrava-se. E, um dia, um grito dolente, há muito abafado, saü-lhe do peito como a voz ferida dum chefe que não vê refazerem-se as fileiras dos soldados que tanta vez comandara gloriosamente. O desagravo nacional tardava-nos muito. Por isso, para me conformar, a Maria, dominando a própria impaciência, observava compungidamente: “As perseguições aos republicanos são tamanhas...” Ai! horríveis. Nunca êles se tivessem dividido!

Feroz ditadura! O que Maria sofreu com a intercepção da nossa correspondência! Semanas e semanas sem notícias da mãe e dos irmãos... Essa brutalidade não me feria só a mim, mas também às minhas filhas no seu coração amantíssimo. Crime inexprimível!

Nada abalou e consumiu mais as forças da Maria do que o espectáculo da apoteose cínica dos aventureiros em duro contraste com a derrota dos patriotas, abandonados até por paladinos da luta mundial, a cuja sorte nos ligáramos resolutamente desde os dias tam turvos e alarmantes do seu arranque. Como ela procurava consolar-me de tamanha injustiça, transvasando na sua grande alma tôdas as minhas mágoas!

Cheguei a imaginar que sucumbiria a tamanha provação, e olhava sobressaltado para as minhas

duas filhas, longe da pátria e da família. Sem mim!

Sem a companhia das minhas duas filhas, eu não teria resistido à amargura de ver em risco de caírem por terra os meus dourados anseios e aspirações de ressurgimento de Portugal. Fôram os seus afagos amantíssimos que me sustentaram. Encostando-me ao seu coração, instilavam-me, como um filtro de vida, as sanguíneas energias do seu ânimo juvenil.

Só o orgulho com que eu caminhava em meio delas, vendo-as cercadas de tantas simpatias respeitosas!

Corajosas crianças! Nunca pensavam em si. Pelo braço delas, unidos os três, percorri, intrèpidamente sem nunca desfalecer e quási sem me sentir envelhecer, os caminhos ásperos do

exílio, no terno arroubamento dos seus azulados sonhos de melhores dias. As grandes asas do seu bravo afecto não me deixavam abater e cair.

Terríveis transe de guerra os dos primeiros intermináveis meses de 1918, de vitórias e avanços dos alemães E sobreveio o 9 de Abril... Que sobressaltos e ansiedades! E o irmão lá!

Que seria de nós, nas rudes lutas que travamos pelo ideal, tam dilacerantes, por vezes, dos nossos afectos, se através delas não viesse reconfortar-nos, como um néctar do céu, o sorriso acariciador das meigas figuras de mulher que, ainda nos nossos mais pungitivos revezes, nos dulcificam e iluminam a vida, fazendo-nos olhar indefectivelmente para o futuro?

Bemditas sejam as que vi, caroavelmente, ao lado das minhas filhas, compartilhando do seu

cruciante exílio, como essa joven D. Maria Osório, imagem tocante da viuvez maternal, ainda quási na idade delas. E algumas, exules também, sofrendo, como elas, pelos seus e pela pátria. Reünidas tôdas idealmente pelo mesmo culto sacrosanto da liberdade e do direito.

O dia só me alvorecia radiosamente, quando, pela manhã, a Maria e a Gigi vinham saüdar-me. E, tendo-as mais que nunca ao pé de mim, eu compreendi bem quanto devem ser felizes e quanto são invejáveis as mães, que vivem sempre com êstes entes encantadores. Que ambiente perfumado e doce! Que inefável refrigerío para os que saem da fomalha em brasa das lutas sociais!

Bastava que, ao levantar-me da cama, eu espirrasse do frio da manhã, para que Maria logo viesse do seu quarto, num salto, ter comigo, para

me advertir que era muito cedo, que me estava constipando, que fechasse a vidraça da janela e me agasalhasse.

Despedia-se das suas amigas, dizendo: “Vou ver se o Papá quer dar uma volta.”

E corria a fazer-me levantar da cadeira de trabalho e a tirar-me de casa: “Paisinho, descanse! Venha daí! Faz-lhe mal não saír.”

E lá íamos os três ao nosso passeio, tantas vezes longamente silencioso, mas sempre para mim tam reconfortante e salutar.

Maria era a doçura e Gigi a jovialidade. Errante pelas avenidas e praças de Madrid e Paris, e pelas praias, campos e florestas de Hendaya, com elas me embevecia na melodia policrómica das flores, artisticamente expostas nos escaparates das lojas, ou cultivadas nos canteiros e moitas dos jardins,

ou pròdigamente esparsas em sumptuoso desalinho pelos prados, pelas sebes e pelos montes. Eram as nossas romarias. E nunca recolhíamos a casa, sem que elas trouxessem um ramo com que enfeitar a minha sala de trabalho, como se quisessem transformá-la na antecâmara do nosso florido Portugal.

Rosas, glicínias, madre-silvas eram belas sobretudo, porque se pareciam com as nossas e as lembravam.

Inolvidável mês de Maio de Hendaya, quando a luz da tarde acendendo como um santuário o quarto das minhas filhas, eu ia lá sentar-me diante delas, com um livro, como se fôra d'orações, nas mãos, a vê-las costurar, contentes de me terem ao pé e poderem repartir comigo o seu sol, que, declinando, me fazia puxar a minha cadeira cada vez mais para elas, até que, fugindo-nos, nos

levantávamos e íamos lá fora buscá-lo e dizer-lhe adeus.

Se deixando, por fôrça maior, as minhas duas companheiras, eu lhes dizia: “Até já!” sempre elas vinham à janela ou à porta, para acompanhar-me e seguir-me com os olhos até me perderem de vista. E eu levava comigo para tôda a parte o viático do seu bom olhar.

Quem é que, à noite, quando, fatigado de pensar e de scismar, eu adormecia à minha banca, vinha subtilmente agasalhar-me as pernas e apoiar-me a cabeça sôbre uma almofada? Que fadas conseguiriam tratar assim de mim, como duma criança, sem quási me tocar com os seus dedos, sem me despertar?

Quando estive doente no hotel, em Paris, mais dum mês, e depois durante a convalescença, e, sempre até a mãe chegar, em Hendaya, ela não ia para o seu quarto sem me fazer deitar e sem me aconchegar o travesseiro e a roupa da cama e beijar-me. Tornei-me tam mimalho que, não adormecendo com palpitações, lhe pedia que ficasse um bocado ao meu lado. E ela sentava-se aos pés do meu leito, debruçando-se para mim até que eu conciliasse o sono, quando não ia mesmo buscar uma poltrona para passar tôda a noite, velando-me. Era preciso que, adivinhando-a ali àinda, acordasse e quási lhe ralhasse, para ir deitar-se também e descansar.

Por vezes cuidei que era demais o que a Maria me fazia. Mas todos diziam: “Ela faz isso com tanto gôsto!” É que ela era o emblema mais do que do dever, do amor do dever até ao sacrifício. Nada

a distraía dêsse seu sacerdócio, custasse o que custasse. E parecer-lhe-ia mesmo que nada lhe custava, tanto era o divino gôsto com que se sacrificava.

Todos a adoravam já. Mas estes meses de exílio foram de sagração solene da sua santidade.

Maria e Gigi sabiam de cor todos os episódios dos romances de Júlio Denis e dos capítulos das *Serras* do derradeiro livro de Eça de Queirós. E, em Hendaya, durante as nossas refeições, voltados para o mar, a cada passo mos evocavam, desassombrando-me a alma com essas graciosas scenas do nosso querido Portugal.

Tudo quanto publiquei no exílio, passava principalmente pelas suas mãos, era por ela lido e decifrado no rascunho e logo copiado na sua bela

letra para ir para a imprensa. Quantas vezes duas e três cópias! E tudo ela fazia, não só diligentemente, pressurosamente, mas com a emoção religiosa de ser a minha colaboradora, de me ajudar a mim e de servir comigo a República.

Era ela quem incessantemente escrevia a tôda a nossa família e quem geralmente se correspondia por todos com as famílias da nossa intimidade.

Transmitia ao Juliano, em estudo de aviação em França, e à Quina, que ficára em Portugal, as notícias que dum e doutro recebia. E o mesmo fazia ao Dino, que estava no C.E.P., e, para Lisboa, à sua noiva. Era o centro de gravitação dos nossos afectos.

Dos seus dedos mágicos saíam maternalmente os vestidinhos para os sobrinhos e os microscópicos escarpins para os que se

esperavam! E não havia *pontos* novos que não aprendesse para mais os enfeitar. Era essa a distracção predilecta com que, sem sair ali de ao pé de mim, mitigava a sua pena, trabalhando com a irmã pelos ausentes.

Maria não se limitava aos arranjos da nossa residênciã no estrangeiro. As coisas bonitas que ela sempre queria fazer para as nossas casas em Portugal! “Como isto há-de ficar lá bem!” E assim nos prenunciava já o bem-estar futuro.

As visitas dos meus amigos não me sensibilizavam só por mim, mas ainda pelo bem que faziam às minhas filhas, mostrando-lhes que eu os tinha. O cadinho da adversidade é rigoroso, mas fiel.

Êles ocupavam comigo um lugar certo no seu coração. “Papá, já respondeu àquele seu amigo? Olhe que foi dos primeiros a escrever-lhe.” Ainda ultimamente me falava do meu bom condiscípulo Vasconcelos de Abreu, que, da Índia, me enviára palavras comovidas, logo que lá constou a minha partida para o exílio. Ela sabia, como ninguém, enfeixar-me essas flores d’alma.

Se aparecessem pessoas de amizade, com que agrado as recebiam estas duas meninas, procurando com as visitas proporcionar-me alguns momentos de lenidade! E tocavam e cantavam, certamente para lhes dar gôsto, mas sobretudo para mim. Por si, não se divertiam nem pensavam nisso. Tam perto de Biarritz, centro de vilegiatura de grande movimento, contentavam-se de o avistar da praia de Hendaya comigo. Até a

mãe chegar, nem um dia me deixaram ficar só, sem a sua companhia.

Um dia, que uma comissão de operários portugueses, de passagem por Hendaya, veio saudar-nos, pedindo-me que os protegesse junto dos contratantes dos seus serviços, fui com as minhas filhas visitá-los ao acampamento sôbre o Bidassoa. Eram quási mil. À nossa chegada, os vivos à República estrugiram. Tinham feito a viagem por Espanha, mais parecendo foragidos do que emigrantes. O médico francês, dr. Cambulive, observou-os bondosamente. Um caso de *grippe* oferecia alguma gravidade. Detivémo-nos nessa barraca. Retirando-nos, novos vivos. Maria e Gigi correram para a praia com as suas bolsas de trabalho. E, dali a pouco, como por milagrosa prestidigitação, tinham pronto um lindo *cache-col*

de lã que levaram, a tôda a pressa, ao enfêrmo para o aquecerem e confortarem.

Em tantos meses, apenas saímos duas vezes de passeio, para fora de Hendaya. A primeira foi a Bayona para visitarmos uma família querida de republicanos portugueses que nos viera cumprimentar: a viúva de Consiglieri Pedroso, Augusto Pina e espôsa, e a pequena Maria Luísa, nossa amiguinha, tam espigada de corpo como d'espírito.

Dia muito português.

No combóio, aproximando-nos de Portugal, uma gente francesa, estabelecida em Madrid, com algum sangue já espanhol, que estava passando aqui os dias de permissão do seu *poilu*. Que deliciosos matizes peninsulares naquelas lindas francesinhas! Fômos todos falando da guerra, dos nossos países aliados.

Na *gare* de Bayona, a receber-nos, o capitão Welch, amigo de Portugal.

E, logo fora da estação, um bando de operários portugueses, alguns de muita ou de muito pouca idade, com as malas ou as sacas às costas, que, a caminho do *depósito*, alvoroçadamente ovacionavam em mim a República, como se, ao verem-nos, tôdas as canseiras da emigração se lhes dissipassem de repente para só se recordarem da pátria. Sob essa comoção, tam penetrante, atravessámos a dupla ponte, pensando nêles e nas suas famílias.

Almôço no hotel com os bons amigos, em longa e vaga conversação da nossa terra. Em seguida, compras nas lojas de descendentes de judeus expulsos de Portugal, com os mesmos nomes ainda dos seus antepassados a evocarem-lhes o doloroso e cruel êxodo, mas já de todo esquecidos da sua língua. Dir-se-ia contudo que era sempre,

com uma viva palpitação atávica do seu sangue, que me citavam muitos compatriotas que infelizmente as nossas lutas intestinas teem, nos últimos anos, espalhado por êste marítimo sul da França, tam atraente do sentimento português. Depois duma rápida vista de olhos pelos monumentos e arcadas, dei um salto a uma tipografia onde imprimia uma carta política. E logo nos juntámos para regressar à estação.

Amavelmente aí nos esperava já, com sua espôsa, que êle avisára da nossa vinda, o commissário-militar Welch. E, defronte de uma mata rajada de sol, sobranceira à linha férrea, todo o tempo foi pouco para os dois nos exprimirem gentilmente as lisonjeiras impressões que o capitão, engenheiro muito distinto, politécnico de fina cultura, trouxera de Portugal.

Na volta, a companhia dum patrício, exímio professor de medicina, director do Hospital de

Hendaya, o dr. Sílvio Rebelo. E, para não faltar nada à côr do quadro, como se viajássemos no nosso país, surge-nos em Sam João da Luz uma família inglesa, de mãe e filha, do mais bem lançado talhe, muito interessantes, e dum rígido e impertigado pimpolho, convicto aspirante à diplomacia.

Chegámos a Hendaya, ao caír da tarde. E um poente de sonho nos foi envolvendo na doce ondulação dum lago de luz, suspenso serenamente sôbre o grande mar. Que esplendor!

Onde estávamos? Diante de mim, as minhas filhas vogavam o seu olhar para bem longe...

O outro passeio que demos, foi à linda habitação basca, alpendrada de plátanos, do capitão Welch, na pequena colina, logo ao pé do apeadeiro do caminho de ferro, em Urruñe.

Quisemos ir de carro para vermos melhor e termos mais tempo para a visita.

Partimos às duas horas da tarde pela estrada de Béoby, com um sol bastante forte, de Agôsto. O cocheiro, espanhol, foi-nos indicando os sítios e os edifícios. Em breve chegávamos. E, empurrando a cancela, subimos a ladeira, anunciados pelos ladridos do cão.

Aberta a conversa logo sob a copa entrelaçada dos plátanos, fômos tomar chá à sala de jantar, mobilada de talha regional, passando em seguida aos jardins e pomares, onde admirámos as espaleiras cheias de pêras e maçãs, e, entre as moitas floridas, um grande pé de lilás perfumado como os nossos.

Havia em tudo um requinte de rusticidade proposital. E o virgiliano torrão, amanhado com tanto esmêro pelo capitão, e os deliciosos doces feitos pela mão da própria dona de casa, todo

aquele quadro de tamanha suavidade campesina nos transportava ao nosso bucólico país.

Com um magnífico ramo de flores que M.<sup>me</sup> Welch nos pôs na carruagem, voltámos. E apenas nos apeámos na povoação de Urruñe, cercados das crianças do lugar, para visitarmos, não longe do castelo senhorial, a antiga igreja torreada, com a nave cheia de filas de cadeiras de preces destinadas exclusivamente às pessoas do sexo feminino, e, em tórno, suspenso, o seu característico anfiteatro de galerias para os homens. Sem demora, galgámos o viso dos montes cobertos de fetos, como em Paredes de Coura, em direcção ao castelo Abbadie, hoje Observatório astronómico da Academia francesa, para gozarmos d'alto o largo panorama deslumbrante da marinha de Hendaya, no ocaso.

Já ia arrefecendo, e as minhas filhas obrigaram-me a vestir o sobretudo, que, a cada passo, a

Maria, sentada ao meu lado, fiscalizava para que estivesse bem fechado sôbre o peito com a gola levantada para o pescoço, enquanto a Gigi, defronte, me puxava para cima das pernas o *couvre-pieds*, que, com o movimento do carro, descaía.

Inolvidável passeio, pela paisagem, pelo convívio! E até os saborosos bôlos doces parece que nos redobraram o apetite com que, saltando no *hall* do hotel, corremos nesse dia para a mesa. Foi uma bela tarde, de alívio espiritual, como se todos três fizéssemos às nossas absorventes máguas uma rápida escapada de colegiais.

Porque não passeámos assim muitas vezes? Porque foi que não dei freqüentemente às minhas inseparáveis companheiras, ao menos, essa simples distração, aligeirando-lhes o pêso dos seus constantes cuidados comigo?

Encerrei demais a sua mocidade na minha dôr e na minha tristeza...

A política! Por amor dela não efectuei o meu plano, que cheguei a formar, de ir êste ano às águas de Mondarís. Mas custava-me saír, até ao fim da guerra, da França, onde se batem os nossos soldados, e, entre êles, o meu filho Bernardino. A não ser, é claro, para voltar a Portugal. E fiquei. Mas quem sabe se, realizando aquele projecto, perto da pátria e do lar, o que tam grato seria à Maria, ela àinda hoje estaria viva?

Que tempo êste de agitação para um coração como o de Maria! As atrocidades alemãs, as perseguições dezembristas em Portugal, a fome, as pestes...

Não se morre só nas linhas de fogo da guerra e nas conflagrações das lutas civis. Não se morre só

de miséria e de doença. Morre-se também de dôr, de ansiedade, de agonia moral.

Adivinhava-se o seu desalento dos últimos dias, sempre à espera duma mudança em Portugal, que incessantemente se anunciava para breve e nunca se fazia.

Maria receava que o dia próximo de justiça não o fôsse ainda para o seu pai e para o seu país, que ela queria ver envolvidos nas glórias da vitória.

E a tôdas as amarguras do presente juntava-se-lhe mais essa. Nenhuma reparação, nenhuma compensação tam cedo para nós!

As inquietações pela minha saúde tam precária não as deixaram nunca. E tudo se juntou para as mortificar: as saüdades da família e a nostalgia da pátria, a dôr dos nossos desastres nacionais, as

torturas da guerra, sobretudo do 9 de Abril, em que entraram os nossos soldados e entre êles o Bernardino, e, por fim, o pânico geral da epidemia pneumónica, que logo vitimou perto de nós duas meninas da idade da Maria. Que série e que acumulação de abalos e de agitações extenuantes! Que martírio! Pobres crianças!

M.<sup>me</sup> Martinet ofereceu galantemente um chá à nossa colónia. No *chalet*, de puro estilo basco, o fino gosto dos donos da casa tinha reunido primores de Portugal – preciosos móveis, bordados e *bibelots* – e lindas aguarelas dos nossos monumentos e das nossas paisagens. O Bernardino, vindo, em gozo da sua licença regulamentar, visitar-nos, acompanhou-nos. Depois de ouvirmos M.<sup>me</sup> Martinet cantar com todo o brilho, a Maria tocou para se dansarem as

nossas modas populares. Doces horas de refúgio fraternal dos nossos corações aliados!

Ainda dias depois, reuníamos os portugueses de Hendaya com a família Martinet em nossa casa. E Maria tocou a *Portuguesa*, que todos cantámos.

Pareciam prelúdio de festa, como se o dia do triunfo estivesse para vir breve. Mas foi o seu adeus...

Que foi que a abalou e lhe abateu a sua resistência diamantina, que, com um organismo tam delicado, lhe permitia ser a infatigável enfermeira de todos, sem pensar nunca que pudesse adoecer também? E agora receava-o tanto! Não sei.

Houve um dia em que ela se assustou imenso. A imobilidade dum atmosfera de incêndio, entrecortada apenas de rajadas ardentes como labaredas, asfixiava. Numa aberta de menos calor,

saí da casa que habitávamos na praia de Hendaya, com a Gigi, a Elzira e o Narciso, que queria que eu lhe comprasse uma *raquette* de *tennis*. Lá na vila, colheu-nos de súbito uma tempestade de chuva e granizo, que rompeu por um tufão medonho.

Que se passaria em casa?

Soubémo-lo pouco depois. O violento ciclone atirára furiosamente de chofre com as janelas dentro, e, tôdas atónitas, correndo a procurarem-se sem se verem, porque a fôrça do vendaval não as deixava abrir as portas interiores de comunicação, imagine-se que momentos para mãe e filhas! As pequenas, espavoridas, gritavam. E, sem mim, não sabendo tam pouco o que a nós nos teria acontecido...

A pobre Maria, que, como a mãe, sofria sempre por todos, vinha aìnda muito pàlida, quando, de volta, as encontrámos na estrada, caminhando

estugadamente para nós. Mas, vendo-nos bons, ela quis logo, como se nada a tivesse quebrantado, seguir comigo até à vila, aonde eu tornava por causa não sei já do quê, que, em tamanha perturbação, esquecera ao Narciso para o seu desporto. E foi e veiu a pé.

O abalo contudo havia sido brutal. Desde então, ficou-lhe, como um rescaldo do terror daquele dia, uma impressionabilidade inquieta, que não conseguia ocultar aos olhos preocupados da mãe, desalentando do meu próximo regresso a Portugal, no sobressalto de morrer antes.

E a tremenda epidemia da *grippe* veiu, como um outro tufão sem igual, indomável, assolador, arrebatá-la.

Aniversário do 5 de Outubro.

A Maria deu o exemplo, e as minhas filhas vestiram-se de gala para o celebrar. Ergâmos para

o alto a nossa fé! A República continua inabalável nas melhores almas.

Abraçámo-nos longamente. Mas não podíamos ter alegria, e fitávamo-nos, pensando em todos que àquela hora sofriam connosco.

Eu não sabia mesmo o que o coração me presagiava. O travor de desgraça que sentia em tudo! Lá fora, um tempo sombrio e rude. O ar enublára-se. O sol, que já, dia a dia, declinava sôbre os montes, apaga-se. O mar, ululante, sepulta-se em trevas...

No dia seguinte, adoeceu a Gigi, e, logo depois, a Maria.

Desde os primeiros momentos da enfermidade, a Maria esteve agitada, apreensiva, tam aflita como se um torvelinho interior a arrastasse fatalmente para a morte. O seu coração, que

sempre se comoveu com os males dos outros, dava-lhe agora também rebate dos seus. E foi horrroso o que logo depois se passou. A doença, que traiçoeiramente se ateára, como um fogo maldito, de súbito explodiu, fulminou-lhe o peito, asfixou-a.

Que noite! Todos de cama, minha mulher, minhas filhas, o pequeno Narciso e uma criada, com a *grippe*, e a Maria tam ofegosa, tam mal! E eu, sem ter comigo senão só a outra criada, que, coitada! tudo queria fazer, mas mal podia fazer nada, fatigada das noites perdidas, a cair desfalecida sôbre as cadeiras. Os doentes, sem dormir, a tossir, a gemer, a queixar-se, a arder em febre.

Apenas luziu o dia, atirei-me por ali fora e percorri vertiginosamente a povoação, da praia até

à vila, à busca duma enfermeira, duma pessoa que me quisesse ajudar e acudir.

Interrogando todos que encontrava pelo caminho, batendo à porta das casas, supliquei, increpei, e ninguém se decidia a acompanhar-me, até que, já quási inteiramente descoroçoado, ia voltar para ao pé dos meus doentes, quando veiu a mim uma pobre mãe, que, vendo-me assim tam consternado, se condeou do meu desespero e me acompanhou. Pouco depois, a minha dôr comunicava-se a outras almas compassivas. Mas era tarde e aquela noite fôra fatal.

Já tam esmaecida, que precisava-se pegar-lhe das mãos para ela se sentar no leito, era para mim que as estendia, num gesto tocante de culto filial. E não seria também de súplica para que, por amor de mim mesmo, a não deixasse morrer?...

Ainda na véspera da sua morte, de manhã, ralhava maternalmente da cama com a Gigi, que foi quem primeiro esteve pior, porque não olhava ao tempo e, com tanta febre, não se resguardava bastante.

Quando, prevendo a catástrofe, lhe disse que tinha de tirar a Gigi do mesmo quarto para tratar melhor de cada uma, ela, tam amiga da irmã, concordando, só me redarguiu: “Mas não me deixa só, não, papá?” É que previa também o terrível momento que se aproximava, e o que mais a poderia mesmo então fazer sofrer, era não me ter consigo.

Teve ainda o prazer de ver o Juliano, o marido da sua Quininha, a sua íntima companheira de infância, e dar-lhe para ela as suas últimas palavras. Como essa visita a consolaria, se ela ainda pudesse sentir alguma esperança de a rever

em breve! E quanto nesses rápidos instantes certamente pensou também na outra visita, que já estivera antegozando e não chegaria a receber talvez, do Bernardino, de regresso ao *front*, que tanto trazia que contar dos nossos e de Portugal!

A pobre Joaquina adoecera ao mesmo tempo, da mesma moléstia, em Portugal. E, por pouco, atacada como ela, de congestão pulmonar, não morre também... Que tormentoso ano!

Maria disse, em confidência, à sua bôa enfermeira Maria Augusta: “Morro do exílio do Papá.” Deu-me a sua vida e ficou sem ela!

Tanto queria ser enfermeira de guerra! Mas os médicos não lhe acharam fôrças bastantes. E tinham razão. Foi-o ao meu lado, e o seu sacrifício vitimou-a.

Maria, que possuía imenso coração, quando veio a precisar dêle para si, tinha-o consumido tanto de me ver expatriado, que não pôde resistir ao brusco assalto e violento golpe da doença.

Pedi-lhe que fizesse por adormecer e, mandando apagar a luz, saí do quarto. Como eu estava àinda iludido! Mas ela, que sentia aproximar-se a morte, quis que a enfermeira lhe fosse buscar o seu cofre, e recomendou-lhe: “Eu vou morrer. Não chame o Papá, para que êle descanse um pouco! Guarde estas jóias, que são para a Mamã repartir com as manas.” E, olhando àinda então por mim, com o pensamento em todos os seus, entrou logo na agonia.

As avesinhas do céu procuravam-na. E ela pôde, em meio do seu paroxismo, escutar o trilo sentido da que veio poisar no plátano de ao pé do

seu quarto, a chamá-la suspirosamente para a vida. Foi o gorgjeio da despedida.

A agonia asfixiante da morte não lhe apagou o sorriso angelical que sempre lhe doirára o rosto em vida, sorriso tutelar, de candura e de bondade, em que se revia, através da pureza do seu amor, tôda a austeridade da sua virtude.

Morreu, como viveu: do coração. Já quási no fim, o que não sofreria com os gritos de delírio da irmãzinha mais nova, também atacada da tremenda epidemia, que clamava por ela! Não poder acudir-lhe! Que horrível tortura a sua!

Chamo-a e ela não aparece, não vem logo a correr como dantes... É bem certo que está morta.

O assalto da doença, assim, tredamente, sem a vermos vir, sem podermos depois combatê-la, e de repente, matando-a, aterra, desvaira.

A minha filha? Maria inerte, inanimada, morta para sempre? Ai! não pode ser. Eu estou também febril, e isto não passa duma terrível alucinação do meu sangue encandecido...

O absurdo, a bruteza, a atrocidade desta morte assombra e estupifica.

Atento o olhar e o ouvido. Chamo-a e abro os braços à sua espera. Onde está? Debalde a procuro, fora de mim. Mas ela não foi, não, um sonho, uma criação sobrenatural do nosso espírito, sedento de bondade celeste. Foi a própria encarnação do bem sôbre a terra. E morta!

Maria! a mártir do meu exílio. Não ter à cabeceira, nos últimos momentos, ela, que tanto lhes queria, a mãe e os irmãos que aqui estão, doentes, e os outros irmãos e os sobrinhos, lá longe! Não poder eu, tam pouco, tê-los ao meu lado nesse transe! E não estar junto dela! Tam sós!

Fecho os olhos para não ver a trágica realidade, mas a sua atroz evidência persegue-me implacavelmente.

Que revôlto mar! Que desabrida terra! A natureza arde tôda em febre. E a minha cabeça estua. Vejo tudo andar-me à roda, e, de cabelos esparsos, caída no chão, pedindo em vão socôrro, Maria, arrebatada vorazmente pelo redemoínho infernal... E, na minha vertigem, sinto que a terra se abre também para mim.

A sua morte, que ela via vir cada vez mais perto, e que ninguém conjurava, como se a arrastassem em cruel suplício para o seu holocausto, obsidia-me por vezes como uma hedionda obra nossa, a obra imperdoável do nosso criminoso desamparo. Deixámo-la morrer!

Como foi que as fôrças destruidoras da vida atingiram o seu corpo, tam espiritual que dir-se-ia inseparável dela mesma, inacessível, como a sua virtude, aos golpes brutais do mal?

Morrer quem tanto merecia viver, ser imortal! Morrer de súbito, fulminada como por um raio de horrível tempestade, depois da qual jàmais poderá ressurgir sôbre o nosso lar o arco íris da bonança...

Em três dias! Ainda ontem passeando connosco e sorrindo-nos, e já hoje morta! Que horror! Nem ao menos tivemos tempo para lhe dizer quanto a amávamos. E ela morreu, não podendo talvez imaginar tudo que lhe queríamos.

De espírito enublado e triste, mal pude fazer às minhas queridas filhas a grata companhia que lhes devia, mostrar-lhes todo o meu agrado, descerrando-lhes a melancolia das suas saúdes. Imerso nas minhas fundas preocupações, nem sempre lhes fazia mesmo bem companhia. Quantas horas eu tinha tam sombrias! E Maria morreu, sem ver o que, sem dúvida, mais desejava: sorrir-me desanuviadamente para ela...

Em casa, na rua, conversando, passeando, em tôda a parte a procuro e, não a encontrando, a ela que estava sempre ao meu lado, não compreendo

nem compreenderei jãmais como isto pode ser. Ela, a minha companheira inseparável! Ela, que me dava vida, como é que a perdeu? Vou morrer sem tornar a vê-la?

Não! Sonhando, acordado, revejo-a sempre comigo, cheia de graça virginal, reflectindo em tudo a sua inefável espiritualidade, a sua divina candura.

Já na minha idade, tenho pouco tempo para viver. Mas que velhice! Ver morrer a minha filha! E que fim de vida! Eu, que esperava, à hora derradeira, ter em redor de mim todos os meus filhos, e, entre êles, como o símbolo da união de todos junto à mãe, a Maria!

Dia 12, às 2 horas e meia, morre a Maria.

O seu corpo é colocado na sala de visitas, às 6 horas. Às 20 horas, é trasladado para o *hall* do Hotel Eskualduna (já sem hóspedes), onde, sob a direcção artística de Mr. Regnault, tam experimentado pela guerra civil da Rússia, se armou para receber o seu ataúde uma capelinha, tôda branca, afestoada de rosas, cravos e dâlias brancas. Escrínio d'arminho da sua angelical pureza.

Do dia 12 para 14. – O seu cadáver é velado pelas famílias portuguesas, por duas bôas senhoras de Hendaya, M.<sup>elle</sup> Beatrix Zumalacarrequi e M.<sup>me</sup> Xavier Uriarté, pelo Juliano e por mim.

Dia 14. Entêrro às 10 horas. Sigo o féretro. Todos os portugueses, com um grupo de franceses, acompanham comigo a pé o carro funerário até ao cemitério, num préstito do mais condoído recolhimento. Entre as coroas dos pais e

irmãos e das famílias Afonso Costa, Sílvio Rebelo, Nunes Claro e Pulido Valente, muitos ramos de flores oferecidos por pessoas de Hendaya, sendo um duma criancinha pobre. O caixão depositou-se no jazigo da família Adamski.

Foi Afonso Costa quem dirigiu o funeral da Maria, tendo ao lado sua santa espôsa e sua filha, tam herdeira dos raros dons d'ambos, que os seus próprios talentos esmaltam com os alvares astrais da sua mocidade. Pertencia com Maria à mesma pléiade do céu do nosso exílio. E não era só a família amiga que ela tinha ali consigo em lutuosa homenagem, era a própria representação da dôr dos sacrificados pela pátria, pranteando o cruento trespasse dum dos seus.

Quis contemplá-la ainda uma vez. Abriu-se no cemitério o seu caixão, e de dentro dêle evolou-se um perfume de santidade. Levava o seu vestido côr do céu. De olhos adormecidos, a mesma doce serenidade dos seus sorrisos de sempre lhe iluminava a palidez do rosto, emoldurado nos seus lindos cabelos escuros, que lhe desciam em ondas sôbre o colo. A meu pedido, a bôa enfermeira Maria Augusta cortou, sem os desmanchar, uma trança para eu repartir com a mãe e os irmãos.

E depois... Nunca mais a ver! No delírio da minha angústia, senti-me irresistivelmente impelido a precipitar-me ao fundo do túmulo para a trazer de novo à vida ou para lá ficar eternamente ao seu lado, sob o seu carinho.

Mas a morte, que ma levou, não ma restituirá! Na terra, onde jaz, nada do que me desapareceu com ela, poderei já encontrar. Para onde ir então,

onde a veja como era e a tenha ainda comigo? Só para a minha saúde, onde ela viverá sempre, enquanto eu viver.

No dia do seu entêrro, chega a notícia da revolução em Portugal. E a mãe, que ainda ignora a nossa desgraça, diz-me: “Manda a notícia à Maria, que lhe há-de fazer bem.”

Ah! como o seu coração se recobriria!

Já não pode ver o meu regresso, por que ansiava tanto, em que pensava sempre...

Foi preciso esconder a noticia à mãe, às irmãs e ao Narciso, que a idolatravam, todos de cama, atacados da mesma infernal *grippe*. Com medo duma recaída.

Mas como me foi difícil!

Todos a perguntarem sempre por ela. “Onde está? Os médicos como a acham? Quem está ao pé dela?”

A mãe queria levantar-se, assegurando que já não tinha nada, para a ir ver ao hospital, onde a imaginava. “Que diz? Como se sente?” Ai! Que mais sentiria, se estivesse viva, do que a dôr de os saber ainda doentes e não ser ela a sua principal enfermeira? Que diria senão: “Sem mim!” Depois, as perguntas enovelavam-se-lhes na garganta, todos soluçavam, e eu fugi, porque não podia mais.

As lágrimas então da Gigi, que se identificára inteiramente com a irmã nos mesmos ansiosos cuidados do meu exílio, que fôra comigo objecto constante do seu maternal carinho, despertavam-me logo as minhas, como se todos estes meses da consoladora camaradagem de ambas ressurgissem para a minha maior angústia.

E, sei lá! estas crianças, que são extraordinárias de sensibilidade, já terão talvez, através de tudo, suspeitado da catástrofe, e esforçar-se-hão, como eu, por a encobrir à mãe, que tam ferida já fôra pelos baldões e tormentos da nossa separação.

No primeiro dia, em que os outros doentes se levantaram da cama, fui encontrá-los todos juntos no quarto da mãe. Mas, não a achando entre êles, estaco, vacilo. E saio sem poder dar uma palavra.

Quando voltei, que já não estava a Sofiazinha, àinda muito abalada do seu acesso de nervos (eu tinha-lhes pouco a pouco preparado o espírito para o pior), falei-lhes dela, dos seus últimos momentos e, emfim, da sua morte. Falava-lhes em francês para o Narciso não entender. Mas as camarinhas convulsas saltaram também dos olhos dêle. E nunca houve grupo de mais lancinante paixão.

Recebemos depois da sua morte as primeiras cartas dos irmãos que ficaram em Portugal. Foi a mãe que as leu, com todos apertados a ela, como se a estivessem abraçando presentes e ausentes, unidos pela mesma saúde. Mas a sua voz velava-se, entrecortada de gemidos, em meio dum côro de prantos. E chegou um momento em que não pude já engolir as minhas lágrimas, e supliquei-lhe, a asfixiar: “ Por quem és, não leias mais, por enquanto. Logo!”

Às saúdosas canções populares de Portugal com que as minhas filhas me entretinham e em que a voz delas se distinguiu tam docemente, sucedeu por tôda a casa o treno dolorido da mãe e das irmãs, que a choram inconsoláveis. E, ouvindo-as, eu não posso senão carpir-me também amarissimamente.

Fomos depôr sôbre a sua campa as violetas e resedas que os irmãos lhe mandaram de Portugal. E, à volta, o Narciso contou-me que, desde que de lá partimos, escrevera sucessivamente cartas à Maria, a dar-lhe notícias das lindas flores que se alternavam com as estações: camélias e violetas, rosas e cravinas, dalias e crisântemos..., tôdas sempre à espera dela para a receberem festivamente.

As irmãs sentem tanto o vácuo em que o desaparecimento da Maria nos deixou a todos, que fazem tudo por o deminuir em mim e na mãe. Cercam-me tôdas, e, a cada passo, uma e outra se precipita para mim a perguntar-me: “Papá! precisa de alguma coisa? quer alguma coisa?”

E agora? Hei-de pedir à mãe e aos irmãos que me contem tudo dela, e à Gigi, sua colaboradora e confidente de exílio, que me repita o que ela lhe disse, que lhe não ouvi: de todos, das pessoas amigas, de nós, da nossa viagem, do nosso Portugal. Que eu quero ainda imaginar que são notícias e recados seus que me trazem.

As crianças corriam para ela. O meu Bento, sempre que de manhã cedo ia para a aula, ao passar no pátio de Belém por diante da minha janela, renovava-me a sua saüdação, mas depois, ao portal, e já lá fora, na rua, era para o andar de cima que se voltava enamoradamente, repetindo: “Adeus, Mariazinha!” Por isso a mãe diz: “Coitado do Bento! o que ha-de chorar!”

Ela era bem a nossa alma e a nossa vida. Cada dia que passa, mais eu sinto a brutalidade do golpe

que, a princípio, me anestesiou quási; e mais a sua figura se contorna e destaca e avulta dentro e fora de mim.

Entre mim e o mundo estende-se a sombra da sua morte, como se todo êle se cobrisse dum negro véu de luto.

E tudo para mim se escurece e pesa acerbamente sôbre o meu peito.

Se, tendo perdido os meus pais, perco também os meus filhos, que fica sendo êste mundo para mim? que poderei fazer ainda nêle? Porque até para ter fôrças para tratar dos outros, precisava de as receber dos meus, de me confortar no meu lar!

Como hei-de falar dela aos estranhos que a não conheciam, nem podem sequer imaginar talvez por ninguém o que ela era? Como hão-de medir a minha desventura? Se nem nós, que a tínhamos

connosco a cada instante, aquilatamos nunca inteiramente o seu valor, grande demais para os nossos olhos egoístamente distraídos...

Resiste-se a muitas amputações e até não se dá logo pela falta do órgão amputado, que ainda insensivelmente se procura. Mas como resistir à do coração? E Maria era uma grande parte do meu. Se não tenho de morrer desta cruciante dôr – que não há anestésico que me alivie – ai! hei-de sentir sempre viva dentro em mim a imagem adorada da minha filha.

Até a nossa capacidade de sofrer é mesquinha. Quanto julgo apoucado e indigno dela todo o meu enorme sentimento pela sua morte!

Que dôr posso consagrar-lhe? Nenhuma me parece bastante. Para tornar digno dela o meu

sofrimento, havia de purificá-lo, acendrando-o de tôda a amargura. E como?

Só lhe renderei o culto que lhe devo, quanto tiver tam presente em mim o que ela foi, que faça, como Maria, o bem. Rediviva no meu coração, continuará dentro dêle a sua missão providencial. E ela mesma, como a inspiração do dever, me incutirá a minha fortaleza de ânimo.

Passou pelo mundo como um rápido clarão de alvorada.

Todos se sentiam presos do seu magnetismo dulcificante. Que expressão de nobreza tam simples, tam natural, tam acolhedora! Agora, em Hendaya, as senhoras, que a conheceram aqui, choram por ela. E as raparigas que a viram e falaram com ela, lamentam com sensitiva mágua a sua desapareição.

Miserável morte, que esmaga os mais delicados sêres, aqueles que precisamente são o melhor ornato da terra e nos dão o gôsto de vivermos nela!

Enviam-me condolências famílias que mal conheço. Mas foi ela que as recebeu com a mãe em Belém, ou encontraram-se connosco durante o nosso exílio, e não puderam olvidá-la: ficaram para sempre sob a sua atracção.

Que vida a minha! A que eu estava destinado! A ser do mesmo golpe ferozmente agredido em cheio no meu peito de patriota e de pai!...

Quantas vezes, imaginando que não resistiria a tamanha provação, com a República e a pátria em perigo, me aterrou a ideia da orfandade das minhas duas filhas, conturbadas de dôr, em país estrangeiro, tam longe da família, sòsinhas!

Chegava a arrepender-me de ter aceitado o sacrifício da sua vida.

Mas ver-me eu, neste transe do meu destêro, órfão de alguma delas, êsse absurdo horrível nunca me passara pela mente.

Dispomos demais dos serviços que as nossas dedicadas filhas espontâneamente nos veem prestar. E, nem por livre vontade delas, nos é lícito assumir o velho pátrio poder opressivo dos direitos de viver que lhes pertencem.

Achando eu, um dia, demais para o estado de saúde de Maria o pêso do meu exílio, ela acudiu logo perentòriamente: “Pois eu não deixo o Papá!” E teve de deixar-me! Foi decerto uma das suas maiores angustias, quando sentiu avizinhar-se o seu passamento.

As minhas doces companheiras salvaram-me duma crise, que me abalou e revolveu profundamente, rasgando-me as entranhas, mas a sua dedicação custou a vida da Maria e ia custando a da Gigi. Apesar de todo o seu ânimo, enfraqueceram-se, deprimiram-se de me ver assim, e a Maria, que ficou tam débil, não pôde resistir aos estragos da epidemia que as assaltou. Apoiei-me demais nela. A sua bondade era infinita; mas, por mais prodigiosa que fôsse a têmpera do seu organismo franzino e delicado, como havia de ter fôrças para tanto?

A morte   impiedosa e implacável, até porque nos mostra todos os bens que, só quando os perdemos para sempre, avaliamos justamente. E Maria, que nos valia a todos, era modesta como ninguém.

Perdoe-me ela o meu egoísmo, mas eu esperava tê-la comigo tôda a vida. Nem sobretudo nesta via dolorosa, em que me habituei tam entranhàvelmente à sua companhia, me parecia possível passar sem ela.

Morta a Maria? Não! Demos-lhe fielmente a imortalidade que ela mais apreciaria, a do nosso imarcessível amor. Que a sua coroa aureolar seja para sempre um brasão da família. Rendamos-lhe preito eterno, de pais a filhos.

Ela era um centro irresistível de união dos nossos corações. E a sua bemdita visão continuará àinda a unir-nos para sempre indissolùvelmente, na mesma saüdade, no mesmo culto. Amando-a, amemo-nos.

Que a sua própria memória nos junte e ampare na nossa soledade! Tomem tôdas as irmãs mais

novas o seu edificante exemplo, e façam por a substituir, junto à mãe sobretudo. Sejam bem suas discípulas.

Maria deixou-me uma herança de ternura, muito pesada e difícil. Poderei adi-la? Saberei transmiti-la intacta aos outros meus filhos?

Mortificam-me imenso as faltas dos meus, às vezes mesmo demais. É como se recaíssem sôbre mim, sôbre o nosso nome. Mas nunca devemos perder de todo a indulgência, descrendo e desesperando seja de quem fôr, sobretudo dos nossos, que teem tanto de comum connosco. Assim pensava a impecável Maria. E, quando agora ainda me ressinto de qualquer dêles, lá se ergue diante de mim o olhar de intercessão que sempre me volvia em seu abôno.

Eu tinha nascido não para a vida de combate, mas para as gratas emoções do trato afectivo da família e da sociedade. Contudo, por amor mesmo da sociedade e da família, não tenho feito quasi outra coisa senão lutar. E nada mais penoso para a minha alma do que deixar antigos amigos e a cada passo ser obrigado a separar-me dos entes mais queridos, quando até os não condeno a sofrer também comigo! Para cúmulo de atrocidade, as lutas da vida levam-nos agora a Maria.

Descaroadá sociedade que nos põe em conflitos, que nos fazem em pedaços o coração!

Ter de lutar, detestando as lutas! A minha vida pública pode resumir-se nisto: combater para unir. Unir tôda a democracia portuguesa, uni-la desde as escolas, dentro e fora do país, e unir a nossa democracia com as outras democracias, sobretudo com a do Brasil. E, através dos combates, fui eu

que propicie as largas amnistias aos meus adversários. Mas o que me tem custado! Até a minha filha perdi...

Como são invejáveis os povos em que a ameaça dos desastres políticos não sobressalta e arranca ninguém aos seus afectos! Bem governados, senhores dos seus direitos, sem receio de que os seus dirigentes os desonrem, podem conciliar os deveres para com a pátria com os deveres para com a família, entregando-se confiadamente ao labor aperfeiçoante das suas profissões e ao franco e serêno convívio dos seus casais. Não há famílias livres e felizes sem a pátria livre e feliz.

Esta vida pública portuguesa é árdua. Ficamos sem tempo para o nosso lar. Não olhamos bastante pelos nossos, e eles vão-nos caíndo pelo caminho. Quantas vezes já minha mãe se sentava ao pé de

mim para conversar, e eu, com o pensamento sempre longe, na campanha política, mal lhe fazendo companhia! E ela então quedava-se silenciosa, envolvendo-me na bênção do seu olhar...

As contenções sociais rasgam-nos os próprios laços de família. Imolamo-la cruelmente à pátria.

Cavaleiros egoístas do ideal, que, na ânsia do bem público, esquecemos e abandonamos muitas vezes o bem dos nossos, que nos cercam com o seu amor, confundindo-os demais connosco no mesmo sacrifício, estamos condenados a acordar de chofre do nosso sonho absorvente, surpreendidos rudemente pelas mais trágicas das catástrofes íntimas, que nos fazem pagar muito caro o nosso alheamento a um tempo tam generoso e tam cruel.

Em meio das minhas campanhas, nunca pensei em morrer, e arrisquei-me a tudo, não comendo, não dormindo, trabalhando rijamente, não olhando a horas nem ao tempo, sem tomar o menor descanso.

Mas quanto deixei por isso de ajudar a minha mulher e os meus filhos! As minhas filhas, especialmente, precisavam de mim para saírem, respirarem mais ar livre, terem alegria, fortalecerem-se e viverem. E a Maria então, que se afanava sempre por todos, inanindo-se tanto com as minhas tribulações!

Ficarei sempre com o remorso de não ter feito tudo que devia por ela, que tudo fazia pela minha vida e pela minha felicidade. Que esta tremenda lição me aproveite, se é possível ainda, para bem dos outros filhos. Mas terei já tempo para repartir por êles os cuidados que lhes não dei?

Dominados pelas paixões cívicas, levamos tam longe a nossa abnegação, que cortamos até pelos nossos mais vitais líames. Deixamos tudo pelo dever. Mas há também um dever para com os que nos amam, que são o sangue do nosso sangue e a alma da nossa alma.

E o pior é que chegamos mesmo a não ver o que os nossos filhos carecem de nós. Quando todos devíamos pensar atentamente nêles, e não só nos direitos invioláveis dos nossos, mas até nos que aos filhos dos nossos próprios adversários assistem de não serem atingidos pelos nossos desvairados golpes.

Não basta lançarmos à voragem das nossas dissensões os filhos? Ainda temos de lhes dar as filhas?

Acreditamos de mais ou de menos no vigor dos nossos filhos.

Amimá-los não! Mas olhar por êles desveladamente, e, sobretudo às filhas, mostrar-lhes todo o carinho. E era infinito o que à Maria eu devia.

Cuidar dos outros e não dos nossos: disciplina heróica, que despedaça pais e filhos. E, quando os outros nos abandonam, se então nos faltam os nossos?

E como não há-de custar, por vezes, aos nossos filhos darem-nos razão nos nossos sacrifícios sociais, se somos, a cada instante, insultados e vexados, sem que se poupe sequer a sua sensibilidade filial? “É êsse o prémio que nossos pais recebem?” pensam. O seu movimento de revolta é bem natural. E converter a retaliação

contra os maus exclusivamente na luta contra o mal, não é alquímia moral para todos. É preciso ter uma alma já de oiro como a da Maria.

Fomos para a guerra, como devíamos. E eu não hesitaria no cumprimento do meu dever patriótico, mesmo diante da ameaça da minha desventura. Mas não poderia sofrê-la maior.

À guerra externa juntou-se a interna. E sôbre a catástrofe da pátria a do meu lar. Quando cessarão para sempre estas fraticidas lutas civis em que se não colhem troféus que não venham cobertos de crepes? Como celebraremos alegremente o triunfo, tendo o coração trespassado do mais alanceante pungir?

A guerra pelo direito abre o futuro dos povos. Abrirá também para nós. Mas o futuro dos nossos filhos mortos? Criam-se novas instituições livres,

não se liberta ninguém do despotismo da morte. A República ressuscita-se, mas a morte de Maria é o irreparável.

Não há já para mim vitória reparadora. Justiça? Nem para mim, nem para nenhum dos desolados pais que choram como eu a sua inextinguível dôr.

Longe tempo da pátria e longe para sempre de Maria! Sem uma e sem outra! Espero sempre por melhores dias em Portugal, onde a honra há-de prevalecer. Mas já ela os não verá. Nem eu com ela. E pode terminar o meu destêrro, mas jàmais terminará a minha soledade.

Regressar com ela morta, eu, que só pensava em voltar, como partira, com as minhas companheiras de sacrifício, para que todos saüdassem nelas a dupla imagem do amor filial e do amor pátrio! Nunca se consubstanciaram tanto como nos seus corações.

Diante de todos estes acontecimentos extraordinários, que se desenrolam trágicamente, embota-se ou subtiliza-se a nossa sensibilidade? Que é a morte dum pobre rapariga, em meio das sucessivas e incessantes hecatombes de milhares e milhares de sêres? Não! essa morte, que seria um acidente banal para o mundo nas circunstâncias ordinárias da existência, com um círculo de comoções apenas circunscrito à vida privada, toma, dentro do quadro da guerra, em que não há famílias, mas nação, as proporções dum desastre da vida social, que todos que nos unimos fraternalmente nas mesmas fileiras, sentimos como um só coração. A dôr dum pai é a dôr de todos os cidadãos. E a gratidão da pátria diadema o túmulo das vítimas. Nenhuma a mereceu mais do que Maria.

Percorremos novamente, eu e a Gigi, o caminho de Urruñe. Íamos a Cambó com minha mulher, e portanto com o Narciso, em companhia do Dr. Nunes Claro, médico distinto *doublé* dum delicado poeta, que nos recomendava o clima calmante dessa estação de inverno para a convalescença dos outros doentes salvos da *grippe*. Era a mesma estrada. Lá estava a mesma arca esculpida à porta duma casa de Biobie, as mesmas árvores, a mesma igreja torreada, o mesmo castelo senhorial, de ponte levadiça, a montanha das três coroas e a hospitaleira *vila* da excelente família Welch.

Não! não era nada o mesmo. Tudo mudara inteiramente! Campos desfloridos. As sebes silenciosas. Lentos e nostálgicos os bois. Fôlhas mortas que o vento acumula e espalha pelo chão. Ramos de árvores, pendendo dolentemente para nós. Renques de plátanos, restolhos de milharais,

amarelecidos. Parras e fetos ensangüentando as colinas e os montes. Muros nus. Casas fechadas. Baças as ardósias dos acuminados telhados, anunciando a queda da neve inclemente. Tantas aldeias desmanteladas, em ruínas, sós! Os altos cimos dos montes cumulados de nuvens. Esmaecente o próprio oiro do sol nas alturas e da flor do tôlejo na terra. Sombras por tôleja a parte. Crianças e crianças de blusa preta, estreitando-se aos pares, de mãos dadas. Como as minhas filhas se haviam doído comigo das que já por ali víramos! Presente-se o duro inverno e a sua investida também mortífera. Vai-se suspendendo a vida ao ar livre. Passam carradas de feno para as mêdas. Encostam-se às paredes rumas de lenha para a lareira. Bandos de corvos esvoaçam baixo sôbre a veiga.

Mas como tudo isto voltaria a desanuviar-se e colorir-se, a aquecer-se e reanimar-se, como a luz

se doiraria e o amarelo das fôlhas nos pareceria primaveril, se ela ressuscitasse e voltasse a estar connosco! E do próprio luto das crianças saíria, como dos negros cabelos de Maria, uma fulguração sagrada de esperança de melhores dias. Feliz da hera que, enleada indissolúvelmente ao carvalho que o Outono desfolha, espera vê-lo ainda reverdecer, amparando-a de novo com todo o calor da sua seiva!

Quando tudo estava pronto para a nossa partida de Hendaya para Cambó, o Narciso desatou a chorar. “Que tens?” perguntei-lhe. Mas fui também tomado da mesma comoção. É que ficava ali alguém, que não podia partir connosco... Faltava Maria, a quem fôramos dizer adeus ao cemitério.

As naturezas femininas mais débeis não podem, além do verão, com o desabrimento das praias do norte. Precisam dum ambiente mais sereno e tépido. E a beira-mar tornara-se áspera e fria. Quanto, ao ver depois como as minhas filhas, transplantadas para o clima de Cambó, se restabeleciam e fortificavam, não me torturei por ter ficado em Hendaya, onde a Maria morreu! Preso pelas notícias de Portugal e pelas visitas dos portugueses, que sempre me pareciam raras... E como ela, na doçura desta paisagem, passeando por entre as aleas dêstes altos carvalhos, donde fôlhas que a leve brisa da tarde desprende, voariam, como arvéolas doiradas, a acariciarem-na, mitigaria o acume das suas apreensões! Porque não acordei do pesadêlo político? Porque não vim até aqui com ela? Nem passeávamos!

11 de Novembro de 1918.

Aleluia! O mundo respira! Tocam os sinos da parróquia o hino da redenção. Emfim! Mas já Maria os não ouve. E soa-me, ao mesmo tempo, aos ouvidos um dobre de finados. Nada pode enxugar-me de todo as minhas lágrimas.

Maria, que tanto sofreu comigo pela guerra, tinha bem o direito á alegria de viver com tódo o alvorôço patriótico a hora triunfal da paz e das justas reparações. Mas que cruel desdita a sua e a nossa, que essa hora não possa já ser para ela senão a da comemoração do seu extremo sacrifício!

Tive a honra de fazer, como presidente do conselho de ministros, a declaração de fidelidade à nossa aliança, solidarizando-nos com os povos livres na guerra pelo direito. Tive também a de

presidir, como chefe de Estado, á nossa efectiva coparticipação militar com os aliados. Veio enfim a vitória. Que posso eu querer mais, senão as justas reparações para o meu país? Para mim, nada. Sofri enormemente nestes últimos onze meses. Vi morrer uma das minhas filhas, minhas companheiras de exílio. Que compensação de tamanha desgraça existe para mim? Nenhuma. Consolações, sim! e há as que não esquecem. E das que recebi em França, nossa irmã de armas, nenhuma me podia enternecer mais do que a duma criança do povo de Hendaya, que, no dia do armistício, me escreveu para Cambó estas tocantes palavras: “Em homenagem aos aliados, depus um ramo de flores da vitória sôbre o túmulo da menina Maria.”

Em Cambó a linda Gisela procura-me a todo o instante.

Até a mãe, com ciúme, se queixa de que ela me prefere. Não, não pode ser. Mas porque é que ela gosta tanto de mim? Só eu o penso e sei. É que trago sempre gravada no fundo da minha pupila a imagem da querida morta. É a Maria, que as crianças adoravam, quem ainda as atrai para me cercarem das suas meiguices.

15 a 19 de Novembro.

Vou a Paris com a minha filha Elzira ao casamento da filha de Afonso Costa com Fernando de Castro, pelo espírito e pelo coração, tam digno dela.

Hospedámo-nos no hotel, onde estivera com Maria, tomo os nossos antigos aposentos, visito devotamente o seu quarto, sento-me à banca de trabalho a olhar para o seu lugar, e desço ao subterrâneo, onde nos abrigávamos dos tiros inimigos dos aviões e do canhão monstro, ela e a

Gigi a agasalharem-me cuidadosamente contra o frio. Encontro à porta a pobrezinha a quem davam sempre esmola. E percorro, como um peregrino, as avenidas, por onde passeava com ambas, suspendendo-me em frente das *vitrines* predilectas dos estabelecimentos que visitavam para comprar flores para mim ou para os hóspedes e brinquedos para os sobrinhos. Em tudo a contemplo. E de tudo que revejo, só ela para mim existe; de tudo que me dizem, só ouço a vibração dolorida das simpatias que deixou no coração de quantos a conheceram e trataram com ela. Ninguém a pôde esquecer.

E, no dia do casamento, é ela que ressurgue diante de mim, como num sonho, oferecendo festivamente à noiva o anel que a Elzira lhe entrega com os nossos vivos augúrios de felicidade.

Não terminámos a nossa estação em Cambó sem visitarmos o lar basco de Rostand, ainda quente da vida interior do seu génio lírico. Sôbre a mesa de trabalho, na biblioteca, um volume ilustrado de história antiga da França, que acabava de reler, ao partir para não mais voltar. A sua pulsação artística sente-se em tudo, até nos últimos *croquis* que desenhára para o incessante embelecimento do parque.

Fomos com a espôsa e o filho do dr. Nunes Claro: êle; altinho, aprumado, já com o sentimento brioso dum novo recruta da República; ela, a desvelada mãe, seguindo-o sempre, inquieta daquele tam precoce desabrochamento para os ásperos choques da vida.

E pelo meu espírito perpassam as estrofes épicas do Sino, o sino da liberdade, de Rostand. Quanto do que temos de mais precioso não é

efectivamente necessário lançar na fornalha ardente para o fundir!

Paris. 15 de Dezembro.

Fomos hoje passear pelos Campos Elísios. Há pouco menos dum ano, ao frio de Janeiro, no anseio palpitante das notícias da guerra, percorri-  
os com a Maria e a Gigi, entre tropas, camiões de abastecimentos e carros da Cruz Vermelha, sob a ameaça dos aviões inimigos, sem que elas em todo o percurso tivessem para descansar de emoções tam graves e duras mais do que o escaparate de brincadeiras, diante do qual tanto se enlevavam na lembrança dos sobrinhos.

Que transfiguração! O júbilo irrompe em cachões do fundo tenebroso dêstes terríveis quatro anos passados. Voltaram as crianças, espalhando-se pelas praças e ruas. E, desde a Praça da Concórdia até ao Arco de Triunfo, ao longo da

grande avenida dos Campos Elísios, em dois renques paralelos, canhões e canhões alemães assaltados de todos os lados pela pequenada parisiense, que, à cavalgada sôbre êles, gesticula e grita, radiante.

E Maria? O que não havia de ser o seu regosijo! A guerra acabando, certa a paz da vitória, e as ferozes peças inimigas, domadas, transformadas mansamente em joguetes infantis...

A nossa santa. É o Narciso quem quer sempre pôr as flores diante do retrato dela, como sôbre um altar. E acolita-o por vezes o seu dilecto camarada, de ruivos cabelos lusitanos, sôbre uma alta testa scismadora, o Fernando (Costa), Benjamim, como êle, da família e sobretudo da estremosa avó, tam amiga da Maria, veneranda senhora, que havia também de morrer no exílio...

Janeiro e Fevereiro de 1919.

Vitória da República. Salvê, democracia portuguesa!

Cada hora se tornava mais esmagadora a aviltante opressão. Aqui mesmo, ao pé de mim, ela ia devorando a seiva ardente da vida a Alexandre Braga, o grande tribuno, que com tam prodigiosa magia encarnára o verbo reivindicador dos nossos mais belos ideais. Mas a coluna de fôgo da sua deslumbrante eloquência não se apagará.

O trágico intermédio cessou. Vão finalmente abrir-se os incomportáveis ergástulos aos meus nobres companheiros de campanha pela liberdade. E eu regressarei também ao nosso Portugal. Mas como? Voltarei de luto pesado para sempre.

23 de Junho.

Eu tinha ido com o Narciso visitar o Xavier de Carvalho, que se achava mal com uma tuberculose adiantada. Ao virmos para casa, lemos no *placard* do *Matin* a notícia da aceitação das condições de paz pelos alemães.

Alegria vibrante! Hasteiam-se bandeiras nas janelas. Até o meu *chauffeur* larga da mão o guiador do automóvel para, de braços erguidos para o ar, gritar o seu entusiasmo. Ouve-se o troar dos canhões. E, ao passarmos por diante dos Inválidos, onde jaz Napoleão, vemos no Campo de Marte o clarão das bôcas de fogo, que celebram a paz vitoriosa. O ribombo das salvas abala tudo e todos. Então o Narciso, levantando meigamente a cabeça para mim, diz-me com a voz mais saúdosa: “Papá, como a Maria havia de estar contente!” E os seus e os meus olhos enturvecidos não nos deixam ver mais nada.

14 de Julho.

Debaixo daquele cenotáfio, sob o arco de Triunfo, jaz a minha filha, morta da guerra. Fui até lá render-lhe o tributo de pia romagem. E não tive depois ânimo para assistir ao esplêndido cortejo. Era expansivo demais para o meu luto. Envolto nas ennevoadas incertezas do nosso Portugal, a que a dei em holocausto, encerrei-me em religioso recolhimento, com minha mulher, a contemplarmos o seu retrato, em êxtase. Aos tiros de canhão que reboavam incessantemente, os suspiros golfavam-nos do peito.

Sim! Dia de apoteóse do direito. Mas também para a nossa pátria? O sorriso divino de Maria, que tanto sofreu por ela, até perder a vida, entreabre-nos a esperança. Glória a ti, santa mártir!

14 de Agosto.

Regressamos a Portugal. Fomos buscar Maria. Na estação do caminho de ferro de Hendaya, disseram-nos adeus os nossos vice-cônsules de Sam João da Luz e de Irun com os patrícios que lá estanceavam ainda, e, além do sub-chefe da *gare*, Mr. Hyrondelle, as pessoas da terra nossas amigas – entre as quais a pequena René – tendo à sua frente Mr. Martinet, acompanhado por Mr. Adamski. E um grupo numeroso de portugueses, que iam tripular uns barcos a Rouen e a Cardiff, entregaram-me carinhosamente uma mensagem de condolências.

15 de Agosto, às 16 horas.

Atravessamos a fronteira. Em Barca d'Alva, desfralda-se o pavilhão nacional, e saúdam-me o alferes chefe da estação e o chefe da alfândega. Em tôdas as estações, onde nos reconhecem,

manifestações efusivas. E, logo no Tua, um homem do povo grita: “Viva o primeiro dos portugueses d'antes quebrar que torcer!” O desmedido coração da nossa gente! Mas não poder a Maria ouvi-lo!

E como foi que não quebrei?

20 de Agosto. Vila Nova de Famalicão.

Levamos na carreta dos heróicos Bombeiros Voluntários, entre ternas flores, o féretro de Maria, abraçado pela bandeira da República, para junto da Dina, do Praxedes e da Teresinha no jazigo da família, a nossa ermida sagrada...

Na aldeia de Joane, aonde Maria nunca chegára a ir, havia uma cèguinha protegida já de meus pais e de meu irmão, que lá vou encontrar ainda. E logo a boa mulher me fala comovidamente dela, que tantas vezes lhe escrevera. "Quer os seus bilhetes

postais? Eu também lhes tenho muito amor, mas dou-lhos.”

Viver com os bons, que repouso das nossas tristezas! É o seu ritmo consolador que suaviza e melhora o mundo.

Maria, na sua passagem sôbre a terra, deixou por tôda a parte, à volta de si, uma ondulação melodiosa de plangente louvor, baloiçando para o céu, como um turíbulo de incenso, o cântico da sua virtude.

Construamos nas nossas almas o Panteão da sua memória. Ela velará por nós.

Tantos e tamanhos sofrimentos para restaurarmos o grande Portugal, e dias, meses, anos vão passando, sem que a nova alvorada do nosso glorioso destino histórico desponte sequer! Quem tam desvairadamente dissipa o melhor

sangue dos nossos corações? Quem assim profana os nossos sacrifícios? Estas lutas vãs, dissolventes da nação, traiçoeiras do nosso porvir, exasperam-me, enervam-me.

Mas Maria é o nosso anjo da guarda. O meu tormento evoca-a. E vejo-a erguer-se de dentro do meu seio, como um desdobramento de mim mesmo projectado pela minha acerba saúde. O seu brando olhar balsâmico poisa sobre as minhas dores. E só o eflúvio etéreo da sua santidade sinto, a embalar-me, a acalantar-me.

Creio em ti, Maria! As relíquias dos nossos mortos hão-de florescer.